

ANOS DE JORNALISMO DE CLAUDIO BARBOZA 49 ANOS



AMAZO

AMAZONINO



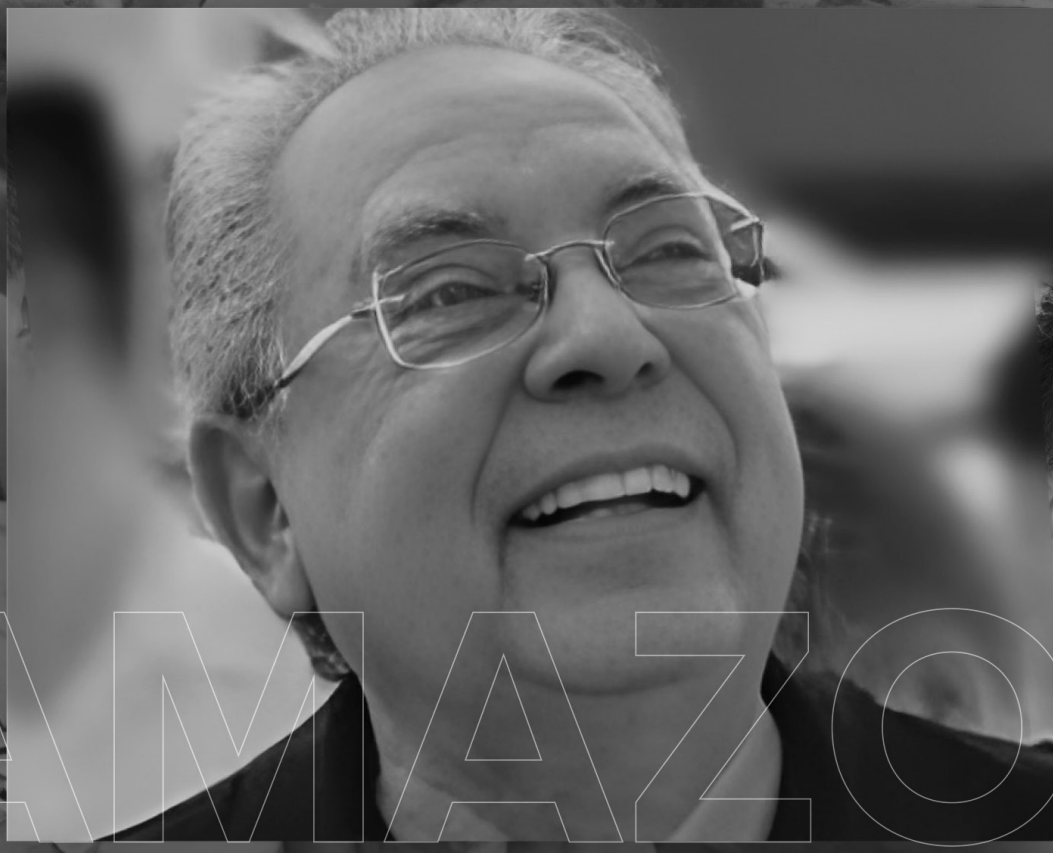
UM SEDUTOR
E OUTRAS
HISTÓRIAS

Atena
Editora
Ano 2024

ONINO

JORNALISMO DE CLAUDIO BARBOZA 49 ANOS DE JORNAL

ANOS DE JORNALISMO DE CLAUDIO BARBOZA 49 ANOS



AMAZO

AMAZONINO



UM SEDUTOR
E OUTRAS
HISTÓRIAS

ONINO

Atena
Editora
Ano 2024

JORNALISMO DE CLAUDIO BARBOZA 49 ANOS DE JORNAL

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 O autor

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
 Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
 Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
 Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
 Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
 Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
 Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande

- Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
- Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
- Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
- Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
- Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
- Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
- Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
- Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
- Profª Drª Vanessa Freitag de Araújo – Universidade Estadual de Maringá
- Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
- Universidade de Coimbra
- Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

**Amazonino: um sedutor e outras histórias -
49 anos de jornalismo de Claudio Barboza**

Diagramação: Ellen Addressa Kubisty
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Claudio Barboza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
B239	<p>Barboza, Claudio Amazonino: um sedutor e outras histórias - 49 anos de jornalismo de Claudio Barboza / Claudio Barboza. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2849-7 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.497240209</p> <p>1. Jornalismo. I. Barboza, Claudio. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 070</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

A Deus, o equilíbrio do Universo.

A meus pais, Geny e Claudio, que me deram toda a liberdade de escolhas em minha vida. A minha gratidão eterna.

Aos mestres das escolas por onde passei e a outros tantos que encontrei nas caminhadas da vida.

Em um verdadeiro confluente político, histórico e jornalístico sobre o Estado do Amazonas, a obra ‘Amazonino, o sedutor’ é uma crônica contada e cantada pelo escritor e jornalista Cláudio Barboza Martins, que leva o leitor a compreender os elementos que envolvem as relações de poder no cenário amazonense a partir do relato biográfico de um dos políticos mais emblemáticos da região, Amazonino Armando Mendes (1939/2023).

O aspecto político da obra dá-se em virtude da natureza do personagem central da história, que é aquilo que Aristóteles de Estagira (384 a.C – 322 a.C) chamou de ‘Zoon Politikon’, em grego ‘Animal Político’. Amazonino era, visceralmente, um ser que viveu de fazer política em mais de 40 anos, dos seus 84 vividos, e pode-se dizer que ele morreria por ela.

A frase de Aristóteles provém de uma de suas teorias na qual defende o ser humano como um indivíduo que não só gosta, mas precisa estar em sociedade para viver plenamente. É inegável que Amazonino Mendes se mostrava explicitamente pleno, quando estava em cenário essencialmente político, seja institucional ou partidário, independentemente de questões controversas que envolveram as suas relações.

Pela análise de Cláudio Barboza, Amazonino tinha entre suas inspirações, as linhas escritas por Nicolau Maquiavel (1469/1527), principalmente, na premissa de que ‘O primeiro método para estimar a inteligência de um governante é olhar para os homens que tem à sua volta’. Próximo a Amazonino, o autor mostra-se, por vezes, encantado com a forma como o político trata quem o acompanha.

Amazonino contrariou as orientações de Maquiavel em um aspecto: ele conseguiu ser temido e amado concomitantemente, como mostram os relatos de Barboza. O envolvimento emocional traduzido em forma de diálogos pelo autor indicia que Amazonino não fazia força para conquistar o afeto alheio, mas o fazia involuntariamente, como se fosse algo inerente ao seu perfil psicológico, o qual o escritor nomeia de ‘sedutor’, adjetivo que compõe o título da obra.

O panorama histórico não deixou de ser relatado por Cláudio Barboza, que busca detalhar o contexto de cada caso contado, para que o leitor compreenda em que tempo se deu e como se apresentavam os cenários nos quais vivia o personagem, buscando aprimorar o senso analítico do leitor.

Em suas crônicas, Barboza segue as diretrizes de Michel Foucault (1926/1984), o qual defendia que os acontecimentos envolvendo as relações de poder, em qualquer aspecto, deveriam ser considerados em seu tempo, história e espaço. ‘Trata-se de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassam as regras de direito que o organizam e delimitam’ (FOUCAULT, 1979).

A obra é também uma manifestação do jornalismo técnico por apresentar elementos que compõem teorias da comunicação, entre elas a 'Gatekeeping'. A teoria implica que toda a mensagem antes de vir ao público passa por um filtro, em outras palavras, por uma 'porta', e na obra em questão, o autor exemplifica como as pautas políticas eram trabalhadas com o personagem central dentro das redações dos veículos de comunicação do Amazonas.

Em meio às contribuições jornalística, histórica e política, a história é ainda a expressão dos vínculos de amizade que se criam entre um político e um assessor, e ultrapassam os limites do cartesianismo impostos costumeiramente nas relações profissionais, que acabam se perdendo com o passar dos anos. 'Amazonino, o sedutor' é, sobretudo, uma ode à cumplicidade, ao respeito e à admiração por um personagem que marcou a história do Amazonas.

Boa leitura!

Paula Litaiff, Jornalista

O jornalismo impresso em Manaus passou por vários momentos ao longo de seus mais de 170 anos de existência, desde o “Cinco de Setembro”, o primeiro jornal do Amazonas, que circulou pela primeira vez em 3 de maio de 1851, até os dias atuais quando as informações chegadas no celular parecem aposentar o jornal impresso, que já passou por isso outras duas vezes. Primeiro com a entrada no ar, em 1938, da primeira emissora de rádio do Amazonas, a Voz da Baricéia, e depois, com a chegada da televisão, em 1969, a Manaus, com a TV Ajuricaba.

O tempo passou e os três meios de comunicação se deram muito bem. Só o tempo dirá se com o celular acontecerá o mesmo.

O século 20 chegou e Manaus nunca deixou de ter jornais impressos, uns acabando rapidamente, outros demorando anos, décadas e até mais de um século, como o Jornal do Commercio, fundado em 1904 e até hoje mantendo praticamente a mesma linha editorial.

Houve uma época em que, nas décadas de 1940 e 50, quando as redações dos grandes jornais: Jornal do Commercio, O Jornal, Diário da Tarde e, depois, A Crítica, ficavam na Avenida Eduardo Ribeiro, as manchetes eram escritas numa lousa, na frente dos respectivos prédios dos jornais, e os leitores permaneciam aguardando o impresso sair para saberem o restante da notícia.

No período da Segunda Guerra um sino era batido para avisar que havia chegado alguma notícia bombástica. E os manauaras corriam para lá. Quando o jornal saía, esgotava rapidamente, e nova leva era impressa.

O tempo passou e chega à década de 1970.

É quando surge a figura de Cláudio Barboza que, desde os seus tempos no Seminário Redentorista, em Belém, ainda garoto nos seus 13 anos já era redator do jornal Alvorecer. Pouco depois, aos 17 anos Claudio começou a sua trajetória como jornalista, na função de repórter de esportes do jornal A Crítica.

Dali em diante seguiu em frente. Passou por editorias de Cidade, Política, Chefia de Reportagem. Trabalhou em jornais de Manaus, em Brasília e Belo Horizonte. Foi repórter, copydesk, redator, repórter especial, editor, chefe de reportagem e editor chefe.

Assim como qualquer adolescente, em seu primeiro emprego, Cláudio começou timidamente, obedecendo aos profissionais mais velhos, mas logo seu talento se sobressaiu, o que se concretiza ao ganhar o seu primeiro Prêmio Esso, em 1983, quando era repórter de Cidade do Jornal A Crítica. Naquela época o Esso era muito cobiçado pelos jornalistas, era uma espécie de Oscar. Claudio ganhou outro Esso e outros prêmios, sempre produzindo reportagens especiais.

Cláudio viveu o auge do jornalismo impresso amazonense nas décadas de 1980 e 90 e o arrefecimento no decorrer da década seguinte, quando as notícias começaram a ser lidas no celular.

Transitou entre grandes nomes do texto: Leal da Cunha, Gabriel Andrade, Sebastião Reis, Sebastião Assante, Messias Sampaio, Flávio Seabra, Bets Bel, Flávio Assem, Mário Adolfo, entre tantos outros.

Foi correspondente do Jornal do Brasil, quando o JB era o principal jornal do Brasil. Conviveu com colonistas amantes dos esportes, como Belmiro Vianez e Flaviano Limongi. Trabalhou com Gil, ícone do colonismo social. Viu entrar na redação uma das primeiras repórteres mulher, Francisca do Vale. Trabalhou no mais antigo jornal em circulação no Amazonas, o Jornal do Commercio, e viu nascer o Jornal do Norte e O Estado do Amazonas.

Em 2007, foi ele quem fundou a Sucursal do Jornal do Commercio, em Brasília, da qual foi o seu primeiro diretor.

Também deu início ao projeto que originou o jornal Amazonas Em Tempo, do qual era sócio, mas que por motivos pessoais saiu antes do lançamento do jornal.

Em outra ação arrojada, Claudio foi o responsável pela implantação do projeto de rádio Difusora Band News, em pleno funcionamento na capital amazonense.

Em um determinado momento ele se afastou das redações e passou a fazer o trabalho de assessor. Claudio participou de assessorias de grandes líderes políticos do Amazonas, como Gilberto Mestrinho, Arthur Neto e Amazonino Mendes, entre outros, participando como jornalista de várias campanhas políticas. Foi diretor de comunicação da Assembleia Legislativa do Amazonas, assessor da Universidade Federal do Amazonas, gerente de relações externas da CCE da Amazônia, assessor da presidência da Câmara Municipal de Manaus, assessor do Tribunal Regional Eleitoral, entre outras.

Revirando suas memórias, Cláudio Barboza vai contando histórias e mostrando como era o jornalismo dos tempos do impresso até chegar ao mundo digital.

Em 2019 ele fundou junto com o jornalista Paulo Castro, o Portal ÚNICO, site especializado em política e variedades, onde se mantém como o CEO do projeto. (Paulo em função de opção pessoal saiu do projeto em 2021). Claudio segue firme no comando do site e atuando como consultor de empresas e órgãos públicos.

OS BONS TEMPOS DO BASQUETE	1
NA REDAÇÃO DE A NOTÍCIA.....	3
PRIMEIRA VEZ NA REDAÇÃO	4
DUELO ENTRE A CRÍTICA E A NOTÍCIA	6
LEAL DA CUNHA E O FLAMENGO.....	7
O REVISOR BENAÍAS	8
O TRABALHO DOS CORRESPONDENTES.....	9
O PORTUGUÊS BELMIRO VIANEZ.....	11
O PRIMEIRO PISO SALARIAL	12
O COMEÇO DOS 'VIRADÕES'	14
LIMONGI, UM APAIXONADO POR FUTEBOL.....	15
MIRANDA E O AR-CONDICIONADO	16
GIL E O COLUNISMO MODERNO	17
ADMIRAÇÃO PELO 'SEO' UMBERTO	18
MANOEL LIMA ENCARA MALUF	19
NOVA FASE DE A CRÍTICA	20
ESCREVENDO REPORTAGENS À MÃO	21
INOVANDO COM O CADERNO C.....	22
DA REDAÇÃO PARA OS BARES.....	23
PAULO GRAÇA, UM INTELLECTUAL NO CADERNO C	24
O VULCÃO DE MÁRIO ADOLFO	25
TUDO NAS MÃOS DO PERY AUGUSTO	26
A REUNIÃO DAS 17H	27
UM NOVO JORNAL DO COMMERCIO	28
FRANCISCO PACÍFICO, UM REPÓRTER INVESTIGATIVO	29
JOSÉ MARQUEZ E O 'BEBÊ DIABO'	30
FLÁVIO SEABRA, UM GRANDE EDITOR.....	31

MESTRINHO E O MEDO DE AVIÃO	32
A MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DE MESTRINHO	33
ROCK NO COMÍCIO DE ARTHUR.....	34
OS BILHETES DO ARTHUR.....	35
A CHEGADA DO PARTIDO VERDE	36
JORNADA DO NORTE, UMA NOVIDADE	37
PRIMEIRO A ENTRAR, SEGUNDO A SAIR.....	38
A CURTA HISTÓRIA DO JORNAL DO NORTE	39
PAULO MARKUN APLICOU NO PAULO GIRARDI	40
AMAZONINO DISSE NÃO.....	41
A IMPORTÂNCIA DO ENTROSAMENTO.....	42
A FALTA DE TESÃO DE AMAZONINO	43
O LADO MÍSTICO DE AMAZONINO	44
DICAS PARA SER POLÍTICO	45
OS LIVROS DA MESINHA DE CABECEIRA.....	46
A MATRINCHÃ DESIDRATADA.....	47
A FUNDAÇÃO DE AMAZONINO.....	48
CRIAÇÃO DA UEA.....	49
FINALMENTE A UEA.....	50
AMAZONINO E O DIÁRIO	52
SAMUEL IA SER GOVERNADOR.....	53
UM NOVO JORNAL, O ESTADO DO AMAZONAS	54
PROMESSAS QUE NÃO SE CUMPRIAM	55
MUITA AGITAÇÃO NA PRIMEIRA EDIÇÃO	56
BETSY BELL, JORNALISTA/COLUNISTA.....	57
UM AMAZONENSE NO 'CORREDOR DA MORTE'	58
COBRINDO O FESTIVAL DE PARINTINS.....	59

O ERRO ESTRATÉGICO DE SERAFIM	60
O CONVITE DE SABINO	61
FALEI COMO GOVERNADOR, OU PREFEITO	62
UM CONVITE PARA SER DIRETOR	63
O DISCURSO TROCADO.....	64
NEUTON PREFERIU A TIRADENTES	65
SOBRE O AUTOR	66

OS BONS TEMPOS DO BASQUETE

A primeira tabela de basquetebol em fibra de vidro, em Manaus, foi inaugurada na quadra coberta do Olímpico Clube, ao lado da sede do clube, na Constantino Nery. Naqueles anos, metade da década de 1970 em diante, o basquete fervilhava. Os jogos dos times adultos eram transmitidos ao vivo pelas rádios Rio Mar e Baré. Mas este relato é sobre nossa geração que jogava no juvenil. O time era o Olímpico Clube.

Muitos da nossa turma começaram no Nacional, cuja sede social ficava na Rua Saldanha Marinho. Depois passamos pelo Rio Negro e finalmente chegamos ao Olímpico onde permanecemos por várias temporadas.

A maioria do grupo estudava no Colégio Dom Bosco, que tinha tradição no basquete. Nosso maior rival nas competições escolares era o time da então ETFA (Escola Técnica Federal do Amazonas) e depois, passou a ser o Colégio Militar. Entre os clubes, o Bancrévea era o maior rival. É uma incrível verdade que, em todos os anos que jogamos, nunca perdemos um jogo nas competições locais. Um recorde sem dúvida, que bem poderia estar no Guinness Book, afinal isso durou mais de três anos.

Manaus era uma cidade tranquila, com pouco mais de 300 mil habitantes e a única quadra coberta era a do Olímpico, onde se teve também a primeira tabela em fibra de vidro, inaugurada em jogo com a seleção brasileira feminina de basquete. Depois tivemos o Ginásio Renné Monteiro, o Ginásio do Rio Negro e o ginásio da ETFA. Além do Olímpico, havia equipes juvenis do Rio Negro, Bancrévea, Saga, Nacional e de uma comunidade batista norte-americana que existia na região do Puraquequara.

Até hoje me surpreendo ao lembrar a estrutura existente naqueles anos. Os clubes tinham departamento de esporte amador. Mantinham técnicos, massagistas e equipamentos, inclusive com tênis para treinos e jogos. Nosso benefício, além dos treinamentos e jogos, era a carteirinha, que dava acesso aos parques aquáticos. Olímpico e Rio Negro tinham ótimas piscinas e o Bancrévea mantinha sede social e campestre.

Entre os técnicos da época, lembro bem do Eraldo, 'seu' Eraldo, Walorman, Valverde, Galega e Arthurzinho. Cabe aqui o registro do Peteo, um apaixonado por esse esporte, que dedicou sua vida ao basquete feminino do Amazonas, treinando gerações.

Nossos treinos eram três vezes por semana e nos outros dias, as 'peladas', aconteciam nas quadras de cimento do Dom Bosco e do Benjamin Constant. A grande disputa se dava no 21 (dois contra dois). Ganhava quem fizesse 21 pontos. Saía fãisca).

Desses tempos havia o Paulinho, aluno do Dom Bosco, com 1m70, magrinho e dono de um arremesso mortal. Era um apaixonado pelo basquete. Morava em frente ao Colégio Dom Bosco, na Epaminondas, dormia e acordava com uma bola de basquete. Naqueles anos ainda não havia o lance de três pontos, mas se tivesse, Paulinho com certeza iria brilhar.

A questão da altura era um problema para jogar fora de Manaus. Quase todos nós tínhamos pouco mais de 1m70 e só alguns poucos alcançavam mais de 1m80, mesmo assim a qualidade técnica era boa e havia um bom conhecimento de 'fundamentos' (quem é do basquete sabe o que significa essa expressão). Aqui uma lembrança do Carlito. Tinha 1m78 e conseguia brigar no rebote com caras de dois metros.

Nossa geração foi a primeira do Amazonas a participar dos Jogos Estudantis Nacionais, realizados em Maceió, Alagoas, em 1972. Além do basquete, várias modalidades participaram daqueles jogos. Para se ter uma ideia, três aviões Boeing saíram de Manaus até a capital alagoana levando a delegação do Amazonas.

Tivemos a oportunidade de disputar pela seleção amazonense, Campeonato Nacional, em Fortaleza, e Campeonato de Clubes Campeões, em São Paulo, pelo Olímpico. Nas competições nacionais o sofrimento era grande. Nossa baixa estatura era o maior obstáculo.

Teve um dia em que para a alegria de todos nós, o técnico Arthurzinho, de Pernambuco, um gênio do basquete, que havia construído uma história de muito sucesso em Recife foi contratado para treinar as seleções amazonenses. Mas essa é uma história mais para frente.

Registro da época. Atletas: Mito (Anselmo), Raimundo Jimenez (um gigante no rebote com seus quase 1m80), Carlito, Ricardo Borges, Paulinho, Tadeu Borges, Cleveland Jezini, Rochester Jezini, Maurício, Lúcio, Shoeder, Nascimento (Naná), Celso Gióia, Rodolfo Braga, Ernesto Braga, Cnéio, Zé Ivan, Amadeu, Joretito Lindoso, Gil, João Negão, Cláudio Barboza, João Blá Blá Blá, Pery, Juraci. Falecidos: Carreira (exceção em altura, tinha mais de dois metros de altura, era pivô do Bancrévea), Hugo e Diouro. Surgiram logo após nossa geração e alguns ainda jogaram em nossos times: Egídio, Aranha (jogador de talento, que se tivesse mais altura, teria sido destaque nacional), João, Airtton Gentil, Adílton, Mesquita, Diego e John Americano.

Árbitros locais da época: Heraldo Costa, Calderaro, Enock, Bicudo. Árbitros da CBB: Edson Bispo, Manoel Tavares e Paulo dos Anjos.

Ex-presidentes da Febam (Federação de Basquete do Amazonas), Síval Gonçalves, Jaime Rheder, Eraldo Costa, e Tito Lívio.

Técnicos da época: Eraldo Costa, Valormam, Galega, Valverde, Arthurzinho, Peteo. Clube da nossa geração: Olímpico Clube, do presidente Almério Botelho.

NA REDAÇÃO DE A NOTÍCIA

Na primeira vez que entrei na redação de A Notícia, fundado em 16 de abril de 1969, o jornal ficava localizado na Praça Tenreiro Aranha, altos da Drogaria Fink. O dono da empresa era o próprio Félix Fink, um polonês, mas o jornal era tocado por Andrade Neto, que havia se casado com uma das filhas do empresário. Eu fui ao local divulgar um jogo de basquete que ia ocorrer entre o Colégio Dom Bosco e a Escola Técnica Federal do Amazonas.

Foi lá que encontrei pela primeira vez o jornalista Flávio Seabra. Anos depois nos reencontramos em A Crítica. Ele, editor de Esportes; e eu, chefe de reportagem.

A atmosfera daquela redação lembrava aqueles cenários que a gente vê em filmes de jornais da década de 1960. O espaço era apertado, havia menos luz do que o necessário, o barulho das máquinas era intenso e havia muita fumaça. Muita gente fumava naquela época, dentro das redações.

Depois A Notícia mudou-se para o Distrito Industrial. E lá montou um timaço de jornalistas, que disputava palmo a palmo a liderança com A Crítica. Por lá estavam Gabriel Andrade, Raimundo Holanda, Eustáquio Libório, Monteiro de Lima, Luiz Octávio, Sebastião Reis, Terezinha Soares, Carlos Aguiar, Ivânia Vieira, Ray Cunha, Roberto Augusto, Aníbal Beça, Bianor Garcia, Isaías Oliveira, Carlos Costa, e outros. A disputa pela liderança no mercado local era pesada, com cores fortes nos editoriais dos dois jornais, num duelo que mobilizava Manaus.

Em 1990, quando A Notícia já era propriedade do Grupo Garcia, trabalhei lá por uns dois anos como editor de Cidade. O projeto era pequeno, mas a equipe era muito boa. A jornalista Idelzuita Araújo era a editora chefe e na Política, havia a colega Bety Menezes. Nós havíamos trabalhado juntos na Secretaria de Produção Rural. O empresário Francisco Garcia havia adquirido o jornal em 1983 encerrando suas atividades em 17 de junho de 1990, quando foi substituído pela Folha Popular, que circulou até 1996, rodado na mesma gráfica.

PRIMEIRA VEZ NA REDAÇÃO

A primeira vez que entrei na redação do jornal A Crítica foi em 1975, atendendo um anúncio mais ou menos assim: 'se você gosta de esportes e de escrever, existe vaga para repórter de esportes amador. Compareça à rua Lobo D'Almada, no horário comercial'. Eu estudava no Colégio Dom Bosco, jogava basquete no juvenil do Rio Negro e gostava de escrever. Tinha 17 anos.

A redação de A Crítica ficava na rua Lobo D'Almada, próximo do colégio. No térreo ficava a administração e o setor de composição, além de uma cantina que servia todos os dias o melhor mingau de banana do planeta. E de graça.

No segundo andar ficava a redação, gabinete do dono, o Umberto Calderaro, sala da dona Rita, mulher de Calderaro. No terceiro, moravam Calderaro e família.

Cheguei à redação no horário da tarde. Umas 30 pessoas estavam no local. O barulho das máquinas era intenso e havia muita fumaça no ar. Fumava-se muito naqueles tempos. Era um bom espaço que tinha um teto rebaixado e mesas de metal. Dois telex barulhentos passavam praticamente 24 horas despejando notícias nacionais e internacionais. Um ar-condicionado fazia a refrigeração.

Quem me atendeu foi o Sebastião Assante, repórter de esportes profissional. Ele me orientou a procurar o Belmiro Vianez, amigo pessoal do Calderaro, e empresário, mas também o editor oficial de Esportes do jornal, embora quem tocasse no dia a dia fosse mesmo o Messias Sampaio. Falei com Belmiro de noite, na casa onde ele morava, na mesma Lobo D'Almada. Ganhei a vaga, um salário-mínimo e a primeira carteira de jornalista, assinada por Umberto Calderaro Filho, que guardo até hoje.

Passei a fazer parte daquela redação que era comandada por um jornalista do Rio de Janeiro chamado Caldas, correspondente do Jornal do Brasil, que havia retornado do Chile e estava em Manaus.

Dessa redação faziam parte, entre outros, Mário Monteiro, Sebastião Assante, Manoel Lima, Antônio Menezes, Luiz Vasconcelos, o poderoso diagramador José Veríssimo, Messias Sampaio, Leopoldo Sampaio, Mário Jorge, Ajuricaba Almeida, Flávio Assen, Leal da Cunha, Agnelo Oliveira, Eduardo Pau de Barraca, entre outros.

Não havia piso salarial e nem jornada de cinco ou sete horas. A maior parte da redação entrava 12h e só saía entre 19h e 22h. Piso salarial e jornada de cinco horas começaram a existir com a criação do MFS (Movimento Fortalecimento Sindical), que ocorreu no início dos anos de 1980, quando o sindicato funcionava em uma sala de um prédio localizado à rua Barroso, na sede do Sindicato Patronal da Borracha. Era uma contradição: um sindicato patronal que cedia uma sala para um sindicato dos trabalhadores. Mas assim funcionou até o dia em que o Sindicato dos Jornalistas mudou para a praça Santos Dumont, onde está até hoje. O caderno de esportes tinha oito páginas e nessa época começaram os 'viradões'. Tínhamos que fechar a edição de domingo na noite de sexta-feira.



Imagem 1 - Carteira do Sistema Jornal do Brasil



DUELO ENTRE A CRÍTICA E A NOTÍCIA

Durante a década de 1970, A Crítica e A Notícia disputavam a liderança de mercado em Manaus. Ambos tinham redações fortes e seguiam a mesma tendência no noticiário, investindo principalmente em Política, Esportes e Polícia.

Quem comandava a redação de A Notícia era o jornalista Bianor Garcia, mais ligado às manchetes sensacionalistas, preferencialmente policiais, enquanto o comando de A Crítica era do Caldas, mais próximo da área política.

O time de A Notícia contava com jornalistas como Gabriel Andrade, Raimundo Holanda, Ivânia Vieira, Carlos Costa, Terezinha Soares, Isaías Oliveira, Sebastião Reis, Carlos Aguiar, Nicolau Libório, Antônio Corrêa, Antonildo Meneses, entre outros.

Na primeira página e nas capas de cadernos, A Notícia usava a cor vermelha, abrindo manchetes sem seguir um padrão determinado da diagramação e que variava bastante. Estava muito mais para o Notícias Populares, de São Paulo, do que para O Globo.

No time de A Crítica estavam Messias Sampaio, Leal da Cunha, Manoel Lima, Mário Monteiro, Antônio Menezes, Luiz Vasconcelos, Sebastião Assante, Chica do Vale, Neide, Luiz Octavio, Leopoldo Sampaio, Gil, para citar alguns.

A Crítica usava a cor azul e seguia um padrão de diagramação que privilegiava o uso de colunas, seguindo uma tendência ainda forte nessa época do jornal Última Hora, do Rio. Nessa época, em várias ocasiões A Crítica e A Notícia travaram duelos em editoriais fortes, dividindo a cidade que a cada dia aguardava mais um capítulo da disputa envolvendo as duas empresas.



Imagem 3 - Participando de Podcast em Manaus

LEAL DA CUNHA E O FLAMENGO

Maço de cigarros Hollywood no bolso, pés enfiados numa confortável sandália franciscana e um cabelo preto plasticamente arrumado. Leal da Cunha costumava chegar ao jornal às 14h e, ao passar pela porta da redação, disparava gritos, críticas e broncas a torto e a direito, fazendo tremer os mais jovens e brotar sorrisos disfarçados nos mais experientes, que se escondiam atrás das máquinas de datilografia Olivetti. Esse era o perfil do chefe de reportagem de A Crítica, na década de 1970, Leal da Cunha.

Com certeza, um dos maiores jornalistas produzidos no Amazonas, que durante anos foi da Imprensa Oficial e chegou a ser secretário de Comunicação no segundo governo de Gilberto Mestrinho (1991/1994).

Leal da Cunha mandava repórteres para a apuração do dia a dia, lia textos e escolhia fotos, sem aliviar nos comentários. Quando considerava que a matéria não estava boa, para desespero do autor, lia alguns trechos em voz alta. Dependendo da entonação, isso podia se transformar num horror. E Leal caprichava nas entonações. Depois, tirava os óculos, fazia cara de poucos amigos e ia tomar um café.

Durante muitos anos, Leal da Cunha acompanhou passo a passo a produção diária de A Crítica e apesar do estilo durão, nunca o vi ofender moralmente uma pessoa. Era um chefe ranzinza, mas falava com conhecimento e depois da bronca, até compartilhava um café com o 'foca'. Só ficava intragável quando o seu Flamengo ia mal no domingo. Aí, a segunda-feira era de lascar.

Nesses anos, a pauta do jornal era definida pelos editores e o chefe de reportagem acompanhava diretamente as editorias de Cidade, Política e Polícia, mas também opinava em Esportes. A pauta era fixada em um quadro de avisos. Antes de a matéria ser editada passava pelo copydesk (revisor) que, em alguns casos, reescrevia ou chamava o repórter para fazer alterações no texto. Na maioria das vezes o editor era o responsável pelos títulos.

O REVISOR BENAÍAS

Entre metade da década de 1970 e início da década de 1980, os revisores estavam presentes nas redações. Eram os responsáveis pela leitura de todas as matérias antes da edição.

Nessa época em A Crítica, muitos dos revisores eram estudantes de medicina que aproveitaram o tempo disponível para ter algum rendimento.

Um dos mais dedicados que conheci, foi um paulista que morou muito tempo em Manaus. O Benaías, revisor e poeta que encontrei no jornal O Estado do Amazonas, em 2006, quando eu exercia a função de editor executivo.



Imagem 4 - Comentando política na Rádio Onda Digital Manaus

O TRABALHO DOS CORRESPONDENTES

No início dos anos 1980, em Manaus, os correspondentes de grandes jornais da época, Estado de São Paulo, Globo e Jornal do Brasil, enviavam material para as sedes localizadas no Rio e São Paulo, de cabines dos Correios, que tinham telex, uma espécie de máquina de escrever sofisticada que tinha teclado e um telefone acoplado ao equipamento. Discava-se o número da sede e estabelecido o sinal, o material era enviado em forma de texto.

Os correspondentes preferiam gravar a matéria, o que era feito se posicionando uma fita de papel a qual, à medida em que se digitava, era perfurada em pequenos pontos. Ao se concluir, a fita era colocada num local adequado e após o sinal ser estabelecido com a sede, um botão era acionado e o material seguia sem maiores problemas, pelo menos na maioria das vezes. Essa era a prática dos correspondentes e de outros jornalistas que chegavam a Manaus para alguma cobertura especial.

As cabines dos Correios ficavam localizadas na avenida Eduardo Ribeiro, bem perto de onde está o Relógio Municipal. A sede principal dos Correios, onde era feito o atendimento ao público, ficava na Marechal Deodoro, mas as cabines localizavam-se na Eduardo Ribeiro, atrás do prédio principal da empresa.

Apenas um correspondente agia diferente. Ele conseguia passar o texto de forma direta, numa rapidez impressionante e numa capacidade de redigir o texto sem ser necessária uma correção. Era o Mário Monteiro de Lima, editor nacional do jornal A Crítica e correspondente do jornal O Globo, função que exerceu durante muitos anos.

Mário Monteiro saía das entrevistas às pressas, como a maioria dos jornalistas faz no seu dia a dia, fazia anotações em umas laudas, material usado abundantemente à época nas redações, que embolava nas mãos e às vezes guardava nos bolsos. Eram rabiscos que só ele mesmo conseguia traduzir. Chegava à cabine e de um fôlego só, passava tudo sem fazer uma revisão, sem nenhuma parada. Tudo de uma vez só.

Mário Monteiro também cursava Direito, no turno da noite, na Ufam. Exerceu a função de procurador da Câmara Municipal de Manaus e editor em outras áreas durante bom tempo no jornal Amazonas Em Tempo. Tem também as histórias do dia em que o Mário Monteiro resolveu usar um gravador, e da primeira disputa eleitoral de Arthur Neto para o governo do Amazonas.



Imagem 5 - Carteira de jornalista Fenaj



Imagem 6 - Na Band News em Salvador, conhecendo o projeto para implantar a franquia em Manaus

O PORTUGUÊS BELMIRO VIANEZ

Belmiro era um português que amava Manaus. Grande amigo de Umberto Calderaro, foi dono da Belmiro's, uma rede com várias lojas que vendia roupas, tênis e perfumes. Escrevia crônicas aos domingos em A Crítica, era comentarista de esportes, adorava futebol, e chegou a apresentar programas esportivos na TV Ajuricaba, que à época retransmitia a programação da Rede Globo.

Belmiro também era o 'Editor de Honra de Esportes', de A Crítica. Ia a todos os jogos das quartas e domingos. Após as partidas, seguia para a redação onde escrevia à mão seus comentários sobre os jogos.

Eu, iniciando na profissão como repórter de esportes, era o responsável por datilografar os textos nas Olivetti.

Belmiro fumava, e eu também. Ao concluir a datilografia eu mostrava o texto para ele, que fazia a revisão.

Geralmente eu ganhava, como pagamento, o que ainda restava de cigarros no maço de Hill, um cigarro do tipo longo, que eu gostava.

Belmiro Vianez era um dos integrantes do tradicional Mocidade Clube, grupo de amigos que desfilava no Carnaval de rua de Manaus, na carroça de um caminhão, nas décadas de 1950, 60, e 70, cada ano encenando um tema.



Imagem 7 - Na função de secretário de Comunicação, com o Governador David Almeida.

O PRIMEIRO PISO SALARIAL

Em 1985 nasceu em Manaus o MFS (Movimento Fortalecimento Sindical), responsável pela criação do primeiro piso salarial para jornalistas no Amazonas. O MFS foi uma ação importante para o jornalismo do Amazonas e conseqüentemente para os jornalistas. Após inúmeras reuniões na sede do sindicato o acordo foi firmado com as empresas de jornais A Crítica, Jornal do Commercio e A Notícia: piso salarial de dois salários-mínimos e meio, mais 20% ou 40% para a função de editor e chefias, como de reportagem e jornada de cinco horas de trabalho. A jornada de trabalho, por exemplo, que a CLT definia em cinco horas, não era cumprida nas redações. Vários jornalistas entravam pela manhã e só saíam de noite, da redação. Não havia piso salarial. O salário era definido pelo patrão e a maioria dos jornalistas fazia do jornal um bico, realizando outros trabalhos por fora, geralmente em algum órgão do serviço público. E olha que, naquela época, a mídia impressa era a maior referência em jornalismo do Amazonas.

As emissoras de rádio e TV ficaram de fora, alegando que estavam ligadas ao Sindicato dos Radialistas.

O Sindicato dos Jornalistas funcionava em uma sala no 2º andar, cedida pelo Sindicato Patronal da Borracha, à rua Barroso. O presidente era Messias Sampaio, o editor de fato do jornal A Crítica.

O MFS teve a participação de jornalistas de várias tendências políticas e não consigo identificar um viés ideológico no Movimento. A motivação era mesmo a necessidade profissional. O MFS não teve um líder, foi uma ação de vários e conseguiu vitórias: Foram vários colegas que participaram do Movimento. Eis alguns nomes de A Crítica: Antônio Menezes (fotógrafo), Inácio Oliveira, Sebastião Assante, Mário Adolfo, Djalma Almeida, Antonildo Menezes, João Batista Freitas (correspondente do Jornal do Brasil e morando à época em Manaus), Mário Monteiro; Jornal do Commercio: Orlando Farias, Jorge Machado, Casimiro, Wilson Nogueira, Garganta, Célia Pacífico, Francisco Pacífico, Epitácio; A Notícia: Ivânia Vieira, Aldísio Filgueiras, Eliezer, e outros tantos, que peço desculpas pela falha de memória sobre os veículos onde trabalhavam: Agnelo Oliveira, Carlos Machado, Deocleciano Bentes de Souza, Miltão, Carlos Dias, Eleonora, Mário Procópio, Verenildes, e Eduardo Moura.



Imagem 8 - Carteira assinada pelo fundador do jornal A Crítica, Umberto Calderaro (frente)

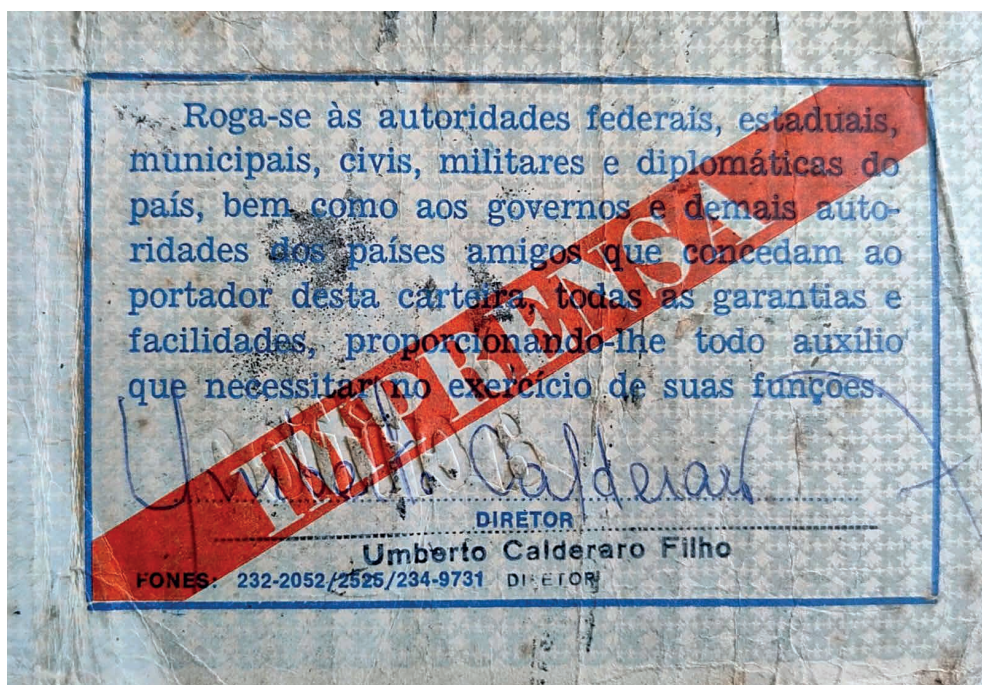


Imagem 9 - Carteira assinada pelo fundador do jornal A Crítica, Umberto Calderaro (verso)

O COMEÇO DOS 'VIRADÕES'

Lembro que os 'viradões', em Manaus, começaram na minha geração, nas sextas-feiras após às 21h, em A Crítica, na década de 1980.

Até então o fechamento do jornal de domingo era feito aos sábados. A redação começava os trabalhos aos sábados a partir das 9h e a ordem era que o fechamento acontecesse até às 15h, no máximo, pois o jornal precisava estar cedo nas bancas, no domingo.

O 'viradão' mudou isso. Passamos a fechar 90% da edição de domingo às sextas-feiras, acompanhando o que já ocorria no Rio e São Paulo.

Esse 'extra' começava às 21h e avançava pela madrugada, chegando até 2h e 3h da madrugada.

Para sábado ficava a 1ª página, a página 2, de últimas notícias e a página de Polícia, que fechava o primeiro caderno, de 8 ou 12 páginas.

Até no O Estado do Amazonas, jornal onde 'pendurei' as chuteiras no impresso e que circulou de 2004 até 2007, os 'viradões' avançavam madrugada adentro, com alguns colegas dormindo em cima das mesas lá pelas 3h ou 4h da madrugada.



Imagem 10 - Com o presidente da OAB - AM, Jean Cleuter

LIMONGI, UM APAIXONADO POR FUTEBOL

O jornalista Flaviano Limongi, que durante anos escreveu diariamente a coluna 'Bazar' no jornal A Crítica, vez por outra dava uma força na editoria de Esportes. Certa ocasião, em uma viagem a Portugal do Belmiro Vianez, que era oficialmente o editor de Esportes, o Limongi assumiu a editoria. Ele ficava na Sapataria Limongi, localizada na Sete de Setembro, bem atrás da Igreja Matriz, mas todas as tardes ia à redação, na rua Lobo D'Almada.

Eu, Sebastião Assante, Eduardo Moura e Agnelo Oliveira batíamos ponto lá na sapataria para pegar a pauta, enquanto o Messias Sampaio ficava na redação. Numa dessas idas, Limongi nos deu um gravador para o trabalho. Era um trambolhão, grande à beça, daqueles de rolo, meio incômodo, mas dava pra levar em algumas entrevistas. Flaviano Limongi era amigo pessoal de Calderaro e um apaixonado pelo Amazonas e por esportes. Foi ele quem praticamente criou a FAF (Federação Amazonense de Futebol), em 26 de setembro de 1960.

Assim como Belmiro Vianez, também integrava o grupo de Carnaval, Mocidade Clube. Foi goleiro, em sua juventude. Manteve uma coluna no jornal O Estado do Amazonas, escrita à mão e digitada pela Terezinha. Finalizava sempre com uma frase: 'um abraço, uma saudade, uma rosa'.

Ao contrário do que acontece hoje, a editoria de Esportes dava prioridade ao futebol local. Diariamente duas páginas eram dos clubes locais e no domingo o número subia para cinco. Trabalhava-se com muitas reportagens e os textos eram mais longos do que os modelos atuais. Umas 30 linhas eram base de uma matéria, mas, em média, uma reportagem especial era escrita com cinco a seis laudas.

Um repórter produzia de três a seis matérias por dia. A contagem de linhas de uma lauda variava de jornal para jornal. A Crítica seguia o modelo do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, um dos maiores do país até a metade dos anos de 1980. A lauda, que era uma folha de papel no tamanho ofício, tinha 31 linhas em alguns casos, e 28 em outros.

MIRANDA E O AR-CONDICIONADO

A redação era barulhenta, falava-se em voz alta, havia o telex martelando sem parar, o rádio e a fumaça constante dos cigarros. Em uma ocasião, o ar-condicionado da redação quebrou. Foi um caos. Durante dias o sofrimento foi intenso, até que um dia o chargista Miranda, dono de um traço que dispensava palavras, que o coloca até hoje como um dos principais talentos entre cartunistas na região, fez uma caricatura do Calderaro mexendo um caldeirão com muitos de nós de forma estilizada dentro do painelão, suando em bicas. Fixou no quadro de avisos. Alguém falou ao Calderaro, que terminou dando uma espiada no material. Rendeu uma boa gargalhada do ‘seo’ Umberto e logo em seguida a troca do aparelho de ar-condicionado. Ufa! Que alívio!

João de Miranda Queiroz, o Miranda, começou a trabalhar em A Crítica, em 1972, e só saiu da empresa em 2003, com a sua morte. Sua ‘Charge do Miranda’, diária, sempre fez muito sucesso no jornal tanto que ocupava lugar de destaque logo abaixo do editorial.

Quase no início dos anos de 1980, Manaus era uma cidade tranquila, com pouco mais de 300 mil habitantes, a Zona Franca estava em ascensão e o comércio fervilhava com importadoras, a vida era calma, o sapato masculino da moda era o Cavalo de Aço, o Nike era o tênis preferido e bom mesmo era frequentar as festas nos finais de semana no Bancrévea, Cheik e Olímpico Clube, enquanto a elite se dividia entre o Ideal e o Rio Negro Clube.

Da redação daqueles anos, faziam parte o Ajuricaba Almeida e o colunista social Gilberto Barbosa, o Gil, autor de expressões como ‘Manô de mil contrastes’.



Imagem 11 - Com o jornalista mineiro, Estevan Dulci (à direita) uma referência na área e o amigo, Eduardo Dulci, do outro lado

GIL E O COLUNISMO MODERNO

Gilberto Barbosa, ou simplesmente Gil, era o nome de maior projeção do colunismo social em Manaus no final da década de 1970 e durante muitos anos da década de 1980. Estilo refinado e bastante irônico, ele chegava à redação de A Crítica às 15h, com uma pequena pasta na mão. Era ali que guardava as anotações, depois transformadas em notas na coluna do dia seguinte.

Na minha avaliação, Gilberto Barbosa foi o responsável pela modernização do colunismo social em Manaus. Era comum, à época, que as outras colunas fizessem relatos do tipo: “No aniversário de Magnólia a toalha da mesa era de renda comprada em Paris” ou então: “Na festa do Ideal, a luluzinha Ilda usava vestido comprado em São Paulo no tom...” e por aí afora.

Gil mudou esse tipo de narrativa e importou o estilo moderno do colunista Zózimo, do Jornal do Brasil, passando a noticiar política, economia e também fatos sociais com um texto de estilo direto e informativo. Introduziu, naquela época, a figura do secretário ou colaborador da coluna. Pessoas que ficavam ao telefone colhendo informações para ele. Entre os vários colaboradores, recordo do Almir, que protegia a sete chaves uma agenda muito cobiçada na redação, pela quantidade de nomes com os muitos telefones que tinha. Uma agenda desse tipo valia ouro.

Gil era uma das estrelas de A Crítica e gozava da amizade do Calderaro, a quem ele só chamava de Umberto. Além da coluna, gostava de tocar piano em seletos grupos, vestia-se com elegância e tinha um humor refinado. Acompanhava todo o processo de fechamento da coluna, ao lado do diagramador. Foi responsável pela criação de bordões do tipo ‘ploft’, usado para concluir uma expressão e ‘Manô de mil contrastes’, entre outras.

ADMIRAÇÃO PELO 'SEO' UMBERTO

Para chegar ao apartamento onde morava dona Maria Calderaro, sua mãe, que morava na outra extremidade do prédio, na parte da rua Joaquim Sarmiento, 'seo' Umberto Calderaro passava por dentro dessa redação. A redação de A Crítica havia mudado. Saiu da parte da frente, que dava para a rua Lobo D'Almada, e foi transferida para o 'meio' do prédio, ou seja, na entrada ficaram os departamentos administrativos e o gabinete do 'seo' Umberto. Lá no fundão, a redação. O prédio tinha frente para a rua Lobo D'Almada e ia até a rua Joaquim Sarmiento, onde anos depois seria feita uma redação bem maior, que possibilitou mudanças significativas na produção do jornal.

Lembro-me do Umberto Calderaro circulando pela redação. Era uma cena rara. Todas as vezes que Calderaro passava na redação, a impressão que tenho até hoje é que o tempo parava. Dava até pra ouvir o ritmo da respiração dos colegas. Era uma sensação de admiração, um certo receio, mas de um respeito que ia dos mais jovens, como eu, aos mais antigos, como Leal da Cunha, Messias Sampaio, Gabriel Andrade, e os demais.

Calçando uma sandália franciscana, ele caminhava com calma entre as mesas, cumprimentava todos com aceno de mão e chegava a trocar palavras com alguns.

Aos poucos comecei a ser chamado ao gabinete dele para fazer entrevistas com alguns visitantes ou receber uma orientação direta. Costumava me apresentar observando "esse é cria da casa".

Depois que comecei a ganhar prêmios, as presenças eram mais frequentes. Eu sentia que ele tinha orgulho e satisfação ao nos ver crescendo profissionalmente. Uma figura e tanto, com um olhar de águia para o jornalismo, com tinta nas veias, conforme ele mesmo dizia.

A Crítica crescia rápido e outros colegas chegavam ao jornal reforçando o time. Entre eles: Sebastião Reis, Isaías Oliveira, Flávio Seabra, Peri Augusto, Carlos Dias, Inácio Oliveira, Aldísio Filgueiras, Atlas Bacelar, Albany Mota, juntando-se a Mário Monteiro de Lima, Mário Adolfo, Antônio Menezes, Pinduca, Carlos Aguiar, Antonildo Menezes, Luiz Vasconcelos, Fernando Ruiz, Luiz Otávio (que anos depois seria executado pela polícia em Manaus), Francisca do Vale, Plínio Valério, José Veríssimo, Mário Próprio, Jorge Estevan, Saraiva (Sabu), Mário Jorge, Leopoldo Sampaio, Gil Barbosa, Hermengarda Junqueira, e outros. Nessa redação havia a repórter Francisca do Vale, que escrevia a mão e depois datilografava o texto. Passava um tempão escrevendo tudo à caneta e depois com dois dedos de cada mão, ia teclando na máquina Olivetti o que havia escrito. Levou algum tempo para digitar o texto direto na máquina.

MANOEL LIMA ENCARA MALUF

Considero que Manoel Lima foi um dos melhores repórteres do Amazonas de todos os tempos. Jeito inquieto, olhar firme e capaz até de entrar em discussão com o entrevistado. Quebrava regras do jornalismo, mas conquistava boas reportagens. Esse era o estilo de Manoel Lima, que durante muitos anos foi correspondente do jornal O Estado de São Paulo, em Manaus, além de editor de Cidade, de A Crítica. Depois resolveu ficar só no 'Estadão'. Foi secretário de Comunicação no segundo governo de Gilberto Mestrinho (1991/1994) e, em seguida, se mudou para Brasília onde faleceu em 2024.

Manoel Lima era referência na imprensa local. Era do tipo que sentia o cheiro do furo e corria atrás da informação. Olhava no olho do entrevistado, fosse quem fosse: do governador ao empresário, Manoel não se intimidava.

Em determinada ocasião foi entrevistar Paulo Maluf. Nessa época ele já havia saído de A Crítica e era exclusivo do O Estado de São Paulo. Maluf fazia campanha nacional como candidato a presidente, em 1985, a primeira eleição após a abertura política. Era a primeira das várias tentativas de Maluf chegar ao Planalto.

Durante a entrevista, Manoel não aliviou. Foi um 'Deus nos acuda'. A cada pergunta Manoel despejava citações sobre o envolvimento de Maluf com corrupção. O clima foi ficando tenso, até que Maluf encerrou abruptamente a entrevista e Manoel deixou calmamente o local para produzir o material obtido.

A carreira de Maluf é marcada por seguidas acusações de corrupção, tanto que seu nome virou sinônimo de roubo de dinheiro público desde quando foi prefeito (1969/1971 e 1993/1997) e depois governador (1979/1982) de São Paulo.

NOVA FASE DE A CRÍTICA

Minha primeira filha Juliana havia nascido e eu, após cursar mestrado em sociologia na UFMG, em Belo Horizonte, estava de volta a Manaus. Mais uma vez em A Crítica, dessa vez na chefia de reportagem. Era uma época de mudanças.

A redação tinha novo endereço. A antiga funcionava na rua Lobo d'Almada e a nova ficava na parte que dava para a rua Joaquim Sarmiento, ambas no Centro.

Umberto Calderaro não economizou na mudança. A nova redação era três vezes maior do que a anterior e havia até um 'aquário', espaço fechado com vidros, destinado ao chefe de redação. Era o início de uma nova fase no jornal. O ano: 1982.

No segundo andar do prédio foi criado o Salão Cidade de Manaus, local onde todas as semanas se realizavam debates sobre temas diversos, desde questões ambientais até projetos políticos de alternativas para a economia estadual. Os encontros serviam de base para reportagens e cadernos especiais, reproduzidos no jornal. Todos os encontros eram gravados e depois editados.

Pery Augusto, um jornalista nascido na Paraíba, mas que construiu carreira no Rio de Janeiro, era o chefe de redação. Ao contrário de editores anteriores, ele não diagramava a primeira página. O encargo ficava para o José Veríssimo, um poderoso diagramador que mandava mais do que muitos editores. O diagramador era o cara que desenhava as páginas e ia calculando os títulos e textos para cada espaço. Com a chegada da internet, só uns poucos sobreviveram ao processo.

Nessa redação aconteceram algumas mudanças interessantes no jornal. A criação da figura do editor de primeira página, a reunião diária de editores no final da tarde e o surgimento do Caderno C.

ESCREVENDO REPORTAGENS À MÃO

Minha impressão é que a Francisca do Vale está entre as primeiras mulheres repórteres do jornal A Crítica. Desde os primeiros dias mostrou que havia chegado para ficar e sua produção diária deixava isso claro.

O curioso é que ela, antes de datilografar o texto, escrevia toda a reportagem a mão. Isso mesmo. Pegava a caneta e escrevia toda a matéria numa folha de papel. Só depois ia para a máquina. Levou alguns meses para fazer o texto diretamente na Olivetti.

Durante muitos anos Francisca trabalhou em A Crítica, onde além de repórter foi editora de várias áreas. Uma profissional de talento com capacidade de produção e regularidade impressionantes.

Naqueles tempos, A Crítica tinha dois veículos para atender a reportagem: uma kombi vermelha, tipo furgão e uma pick-up azul, cabine simples, para três pessoas. Muitas instituições e órgãos públicos, naquela época, estavam localizados no Centro de Manaus, como Detram, reitoria da Ufam, Associação Comercial, Câmara de Vereadores, Assembleia Legislativa. Por isso, na maioria das vezes, o repórter ia a pé. Com o jornal crescendo e a nova redação, surge a necessidade de reforçar a edição. Nasce o Caderno C, que vai lançar Simão Pessoa como colunista.



Imagem 12 - Com o governador, Amazonino Mendes (2023)

INOVANDO COM O CADERNO C

Lá pelo ano de 1986, a edição de A Crítica, às segundas-feiras, era fraca do ponto de vista jornalístico. À exceção do caderno de Esportes; havia uma página ‘fria’, de artigos religiosos; uma página de Cidade; duas de Nacional; uma Internacional e outra de

Opinião. Foi quando tivemos a ideia de fazer o Caderno C, numa alusão ao famoso Caderno B do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro.

Umberto Calderaro estava no Rio de Janeiro, mas aprovou a ideia e, tempos depois, enviou um telegrama com a seguinte mensagem: “Gostando da elaboração do Caderno C. Parabéns pela iniciativa. Abraços. Calderaro”.

A iniciativa contou com a grande colaboração do professor da Universidade do Amazonas, Antônio Paulo Graça, um dos maiores intelectuais que o Amazonas produziu.

O autor da primeira diagramação do Caderno C foi o Haroldo Caminha, o maior conhecedor do setor gráfico do Amazonas. Depois o Jorge Estevão assumiu a função.

De cara resolvemos que a diagramação do Caderno C seria livre, quebrando todas as regras até então existentes. Fotografias poderiam ser alongadas até meia página e não haveria pré-determinação de títulos. Outra coisa, o Caderno C se voltaria para variedades, não se fechando em cultura.

A intenção era fazer um produto arejado, interessante e que atendesse a um público diversificado. Para tanto, buscamos o jornalista Joaquim Marinho, que passou a publicar no caderno a coluna Zona Franca. Paulo Graça, Simão Pessoa, Moysés Mota, professores universitários Aloysio Nogueira e Rosendo, entre outros, eram os articulistas do caderno.

A maior dificuldade foi encontrar alguém que assumisse um discurso de direita. (só surgiram com Bolsonaro em 2020).

DA REDAÇÃO PARA OS BARES

No Caderno C, lançado em 1986, e que circulava com oito páginas às segundas-feiras, se experimentou com sucesso o trabalho de dois jornalistas numa mesma missão.

Exemplo: o repórter Inácio Oliveira recolhia informações sobre o Mercado Adolpho Lisboa e o editor Mário Monteiro dava o texto final. Ambos assinavam a matéria.

Tratava-se de um tipo de trabalho de rotina na imprensa do Sul/Sudeste, mas que não acontecia em Manaus.

Outra coisa que funcionou bem era a solicitação que se fazia de fotos. No quadro de avisos da redação fixava-se um comunicado do tipo: 'Caderno C necessita de fotos de crianças brincando na rua'. A intenção era motivar os fotógrafos, pois as fotos eram publicadas em tamanho maior do que na edição normal do jornal, valorizando o trabalho do profissional. O resultado foi satisfatório. Entre os fotógrafos da época, lá estavam Carlos Dias, Antônio Menezes, Luizinho, Saraiva e Félix.

Naqueles anos, o bar preferido de boa parte da redação era o Construção, na esquina da rua Lobo D'Almada com a rua José Clemente. Ali conversávamos à noite, em um balcão improvisado entre baldes, tijolos e latas de tinta espalhados pelo local. Daí porque o nome Bar Construção. O dono era o Itelqui, morador antigo da área. Até banda de Carnaval chegamos a fazer por lá.

Do Construção, a noite de uns prosseguia no Galvêz, recém-inaugurado na rua Major Gabriel e, nas sextas-feiras, quem gostava de dançar, como o Sebastião Assante, se mandava para o Luso. Havia ainda a Boate dos Ingleses, o Tropical Hotel entrava nos tempos das discotecas e Manaus era uma cidade onde boa parte da população se sentava à frente das casas nas noites mornas de então.

PAULO GRAÇA, UM INTELLECTUAL NO CADERNO C

Em relação à criação do Caderno C não dá pra ir adiante sem falar da participação do professor Paulo Graça, que dava aulas de texto. Quem conheceu o Paulo sabe do brilhantismo do seu conhecimento intelectual, doutor com todas as letras na literatura, professor dos mais ilustres da Ufam, autor de vários livros e durante bom tempo, articulista do Caderno B, do Jornal do Brasil, quando o JB era um dos mais destacados veículos da mídia brasileira. Foi um dos maiores intelectuais da história recente do Amazonas.

Paulo foi um colaborador e tanto do Caderno C. Foi além. Juntos criamos o projeto.

Além dos artigos que produzia para o caderno, fazia sugestões a fim de melhorar a edição e muitas vezes se dava ao trabalho de escrever resenhas para uma coluna sobre livros, que ele nem assinava. O que o Paulo queria mesmo era abrir um espaço de cultura e entretenimento, que fosse regular na imprensa local. Conseguiu.

Outro destaque do Caderno C foi o escritor, poeta e publicitário Simão Pessoa. A cada segunda-feira um Simão mais atual aparecia, tornando o espaço dedicado aos artigos mais procurado e disputado. Em cada edição participavam de quatro a cinco articulistas. Além de temas variados e atuais, Simão Pessoa emprestou ao Caderno C, um texto moderno, com uma rara qualidade.

Nos dias do Caderno C, o bar que bombava era o Paulo's, localizado no Conjunto Petros. A Boate dos Ingleses estava a todo vapor, enquanto o Nostalgia engatinhava, na Cachoeirinha.

Na estrada da Ponta Negra algumas casas noturnas começavam a surgir. O Kanamari era uma delas. O cabelo da rapaziada era mais comprido, barba ainda fazia sucesso no meio acadêmico e a minissaia botava pra fora as pernas da mulherada. Havia pouco ar-condicionado nas casas. A arquitetura histórica de Manaus sofria efeitos violentos do crescimento desordenado da capital e o Bar do Armando começava a ser ponto de encontro de jornalistas, professores, artistas, escritores e músicos.

1986. Umberto Calderaro se preparava para comprar a TV Baré e uma rádio, enquanto o jornalista Atlas Bacelar assumia a redação do jornal.

O VULCÃO DE MÁRIO ADOLFO

Pery Augusto, um jornalista nascido na Paraíba, que construiu carreira no Rio de Janeiro e resolveu encerrar a carreira em Manaus, era o chefe da nova redação inaugurada em A Crítica no início da década de 1980, bem maior do que a anterior.

O acesso se dava pela rua Joaquim Sarmiento e, nesta redação, tive oportunidade de conviver com uma geração de grandes profissionais, entre os quais, Flávio Seabra, Mario Monteiro, Gabriel Andrade, Isaías Oliveira, Aldísio Filgueiras, Mário Adolfo, Inácio Oliveira, Atlas Bacelar, Chica do Vale, Flávio Assen, Hermengarda Junqueira, Antônio Menezes, Jorge Estevão, Luisinho Vasconcelos, Carlos Dias, Sebastião Reis, entre outros.

Pery vivia e transpirava jornal. Durante muitos anos dirigiu a redação e, apesar do semblante fechado, tinha lá seus dias de bom humor. Certa vez, o Mário Adolfo, que era o editor do Internacional, queria uma fotografia de um vulcão que dera sinal de vida no México. Na rotina do jornal era preciso selecionar as fotos nacionais e internacionais que seriam solicitadas à Agência UPI. O código de cada foto escolhida era repassado para a Neide, que comandava o laboratório do jornal. Ela enviava o pedido e aguardava o material que chegava dentro de um cilindro metálico, via sinal de telefone fixo. Era dessa maneira que as fotografias nacionais e internacionais chegavam. Pery ouviu a solicitação do Mário e no final concluiu: “Mário, pega uma foto de arquivo”, e antes que Mário argumentasse, ele concluiu: “vulcão é tudo igual, um buraco saindo fumaça”. Nessa época, o mais concorrido baile de Carnaval, em Manaus, era o Baile do Hawai, no Olímpico Clube. Também nesse tempo o ICHL (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da Ufam, funcionava na rua Major Gabriel, esquina com a Ramos Ferreira, concentrando um centro dinâmico do pensamento político local. O Bar Galvêz estava recém-inaugurado na rua Major Gabriel, alguns quarteirões após o ICHL. Era ali que jornalistas, escritores, artistas, acadêmicos e outras tribos se reuniam e, nas madrugadas adentro, fundavam jornais, criavam revistas e promoviam a revolução.

Muitas mudanças ocorreram a partir da nova redação de A Crítica, como o surgimento do editor de primeira página e as reuniões das 17h.

TUDO NAS MÃOS DO PERY AUGUSTO

As importadoras dominavam o comércio de Manaus, oferecendo de perfumes aos tênis mais desejados. Mais e mais indústrias se instalavam no Distrito Industrial. Manaus crescia e A Crítica também. Na nova redação, era hora de introduzir algumas mudanças.

Havia uma concentração exagerada nas mãos do Pery Augusto. Ao mesmo tempo ele era chefe de redação, controlava a coluna Sim e Não, fechava a primeira página e editava as páginas de Política.

Eu era chefe de reportagem e editor do Caderno C. Aos poucos conseguimos fazer as mudanças. Flávio Assen passou a editor de Política, Pery assumiu o Sim e Não e Mário Monteiro a função de editor de primeira página. Foi criada a função específica de editor de primeira página, entregue ao talento nato do jornalista Mário Monteiro.

Pery Augusto se manteve um tempo como chefe de redação, e depois foi substituído pelo jornalista Atlas Bacelar, que ficou até ir para a TV Baré, hoje TV A Crítica, comprada em 1986 por Umberto Calderaro numa jogada de mestre, silenciosa, e que surpreendeu o mercado.

No Tropical Hotel era tempo das discotecas, a Boate dos Ingleses, na área portuária de Manaus, resistia ao tempo e tinha público cativo. A boate foi fundada no final da década de 1960. Um jornalista, de barba longa e cabelos rebeldes, chegava a Manaus como correspondente do Jornal do Brasil. Era o pai do 'bebê diabo'.



Imagem 13 - Imagem de campanha política no interior do Amazonas, após o barco ter afundado entre os municípios de Alvarães e Tefé

A REUNIÃO DAS 17H

O cantor Paulo Sérgio cantava a ‘Última canção’ enquanto Antônio Marcos falava da ‘Menina de trança’. Nossos cabelos eram longos e alguns usavam barba. Na redação de A Crítica, os diagramadores utilizavam mesas tais quais de desenhistas e uma pessoa ficava boa parte do tempo ao lado dessas mesas atento às determinações do diagramador, pois era ele quem levava as matérias para um lado e para outro. Às vezes para um editor ou a um repórter, às vezes ao setor de composição, onde a matéria era formatada para ser colada em página.

Esse vai-e-vem era feito pelo ‘Ponto de Vista’, apelido dado pelo olhar ‘trocado’ que ele tinha. Não sei ao certo quem o batizou, mas tenho a impressão que foi o jornalista Flaviano Limongi que, ao chegar certo dia à redação, deu de cara com ele e tascou: “Ei, Ponto de Vista”. Pegou na hora. Até o Calderaro o chamava assim. Durante anos trabalhou na redação.

Nesses anos de algumas mudanças na redação, uma nova dinâmica também passou a ser adotada no dia a dia. Nem todo mundo gostou, mas era algo necessário e hoje muito frequente nos jornais: a reunião das 17h. Era quando os editores de página: Polícia, Esportes, Cidade, Política, Nacional, Internacional e Variedades, se reuniam com o editor de primeira página e o diretor de redação.

Ali os temas dos dias eram destacados. Praticamente se definia a manchete do dia e as notícias que iriam para a primeira página.

Nesses anos, A Crítica consolidava a liderança no mercado. O jornal A Notícia, após ser vendido por Andrade Neto ao empresário Moura Lopes, iria chegar às mãos do Grupo Garcia, enquanto o Jornal do Comercio, depois de vender o prédio da Eduardo Ribeiro ao Banco Real, estava de sede nova no Japiim e se preparava para montar uma redação cheia de talentos.

UM NOVO JORNAL DO COMMERCIO

Depois de mudar-se para o novo prédio, na avenida Santa Cruz Machado, em 1984, o JCAM, Jornal do Commercio, que havia sido comprado dos Diários Associados pelo empresário Guilherme Aluizio, resolveu investir na contratação de jornalistas e mexeu no mercado, atraindo vários profissionais que estavam em outras empresas locais.

O jornalista Frânio Lima exercia a função de diretor de redação do JC. Professor do curso de Comunicação da Ufam, era meticuloso e rigoroso na ética e na correção do português. Frânio fechava a primeira página do jornal e a coluna de opinião Frente & Perfil.

Entre os novos contratados do JC estavam Wilson Nogueira, Sérgio Bártholo, Georgina Andrade, Paulo Castro, Warnoldo Freitas, Aldísio Filgueiras, Narciso Lobo, Auxiliadora Tupinambá, Epiácio Pessoa, entre outros. Participei dessa redação na função de editor de Cultura, deixando minhas funções de chefe de reportagem e editor do Caderno C, de A Crítica.

O projeto era ousado, mas esbarrou numa diagramação formal e fixa, que não valorizava o conteúdo. Era muito tradicional. Outros problemas como a falta de um bom departamento comercial e um setor forte de circulação, frustraram o projeto.

O material editorial era bom, mas poucos o liam.

Nesses anos, o ICHL, e o curso de Agronomia, que ficava no Campus Universitário, disputavam as lideranças no meio dos estudantes. Gonzaguinha, Fagner e Taiguara eram os cantores dos universitários e andar com livros de Marx e Engels, dava certo status de intelectual de esquerda.

Sem a estrutura adequada, o projeto do Jornal do Commercio começava a perder profissionais. Era hora de alçar outros voos. As assessorias começavam a pagar bem melhor do que as redações.

FRANCISCO PACÍFICO, UM REPÓRTER INVESTIGATIVO

Maço de cigarros no bolso, camisa de mangas curtas e um jeito muito pessoal de ficar batendo com o cigarro na palma da mão até acendê-lo. Um jeito simples de ser, mas de olhar firme e frases bem construídas, num olhar atento e inquieto, capaz de passar dias atrás de uma informação até fechar uma matéria. Assim era o Francisco Pacífico, ou melhor, Chico Pacífico, um dos melhores repórteres investigativos da história do Amazonas.

Conheci Chico na redação de A Crítica, onde durante muitos anos trabalhou na editoria de Polícia. Havia sido contratado do Jornal do Commercio e era um dos principais nomes do matutino que naquela época, até 1984, ainda funcionava na avenida Eduardo Ribeiro.

Chico chegou n'A Crítica na condição de uma estrela que era, mas sempre foi uma pessoa simples, gentil e de uma conversa saborosa.

Dessa época, o amigo Zezinho, fotógrafo que até hoje atua em Manaus, lembra que determinado dia, Chico o chamou para irem a uma área onde estava havendo uma invasão. Hoje é o Zumbi dos Palmares. Antes de chegar ao local e após convencer o Zé que era melhor ir de ônibus, Chico explicou: “vamos virar invasor para ver melhor essa onda”.

Assim fez depois de orientar o Zé: “vai pra um lado que eu vou pro outro e faz foto na moita”. Assim foi feito e dias depois Chico presenteava os leitores com um relato completo, humano e verdadeiro de inúmeras situações que viveu naqueles dias entre os invasores. Dos dramas pessoais ao gole de cachaça coletivo, Chico viveu ali um daqueles momentos que só os repórteres por vocação podem avaliar.

Chico partiu cedo, quando estava no Amazonas em Tempo, fazendo o que mais gostava, que era viver todo dia a aventura de ser repórter. Tinha talento nato. Escrevia fácil e conseguia aliar esta condição à paciência e à persistência de construir uma investigação tijolo a tijolo. Em uma dessas investidas passou um tempo dormindo a cada noite em um local para evitar possíveis visitas inoportunas.

JOSÉ MARQUEZ E O 'BEBÊ DIABO'

Barbas longas e cabelo sempre fora do lugar, ele passou um bom tempo em Manaus e embora fosse correspondente do Jornal do Brasil com exclusividade, passava as tardes na redação de A Crítica. Nascido em São Paulo e Prêmio Esso Nacional, tinha um texto refinado. Às vezes desafiava os colegas se propondo a escrever um determinado número de linhas sem usar a palavra 'que'. Conseguiu.

Esse era José Marquez, um dos correspondentes que deixaram boas lembranças em Manaus, numa época em que os grandes jornais, O Globo, O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil mantinham correspondentes praticamente em todos os estados. O JB, no entanto, era quem pagava melhor. Fosse hoje, o salário deveria oscilar entre 15 e 17 mil reais. Globo e Estadão pagavam bem menos e na maioria das vezes contratavam alguém da própria cidade, sem exigir exclusividade.

Além do texto e do status de correspondente do JB, José Marquez tornou-se conhecido pelo fato de ser o 'pai' do 'bebê diabo'. Após ganhar o Prêmio Esso ele curtiu umas férias na Europa. Ao retornar fez um contrato com o jornal sensacionalista Notícias Populares, antes de assinar com o JB. Foi onde contou a história.

Marquez deixou a capital São Paulo e chegou a Campinas. De lá, ele 'plantou' uma matéria com o nascimento do 'bebê diabo'. Uma figurinha que, conforme o texto, nascera com dois chifres e um rabo. Em seguida ele viajou para outra cidade e neste local o 'bebê', com um mês, falava palavrões a torto e a direito.

Dessa maneira, José Marquez foi alimentando a história. A cada cidade o 'bebê diabo' aprontava alguma e o Notícias Populares abria manchetes: 'Bebê diabo assusta padres e freiras', 'Ciência não sabe explicar fenômeno bebê diabo'. E assim foi até chegar a Manaus, quando foi contratado pelo JB.

Marquez ainda começou a falar do boto que engravidava as moças no interior.

FLÁVIO SEABRA, UM GRANDE EDITOR

Há uma grande diferença entre editor e ‘fechador de páginas’. Eu tive a felicidade de conhecer alguns profissionais diferenciados nessa função. Um deles trabalhou durante anos em A Crítica e encerrou as atividades no Em Tempo, completando uma jornada que teve início em A Notícia. Foi um dos melhores editores que conheci no eixo Manaus-Brasília-Belo Horizonte. Conheci o jornalista Flávio Seabra quando eu era repórter de esportes de A Crítica e ele era o editor de Esportes de A Notícia. Anos depois, trabalhamos em A Crítica. Ele, editor de Esportes, e eu, na chefia de reportagens.

A diferença entre o editor e o ‘fechador de páginas’ vai desde a escolha da manchete, ao posicionamento de imagens (fotos, artes, charges) até a distribuição das outras matérias. Parece simples, mas não é. O Flávio Seabra além de fazer isto com rara facilidade tinha outro mérito: era capaz de editar boas páginas com material fraco, ou seja, conseguia tirar leite de pedra como se costuma dizer.

Outra característica do Seabra era a organização. Tinha uma agenda super organizada onde, além de nomes e número de telefones, guardava tabelas de campeonato, artilheiros, escalação de times, e muito mais.

Flávio Seabra comandou editorias constituídas por jornalistas como Sebastião Reis, Roberto Augusto e Agnelo Oliveira. Foi ele quem conseguiu o primeiro emprego do Sebastião Reis, no Rio de Janeiro, na Agência de Notícias Sport Press, de onde ‘Reizão’ sairia depois para fazer uma brilhante carreira no jornal O Estado de São Paulo. Flávio Seabra encerrou atividades profissionais no Em Tempo.



Imagem 14 - No município de Borba, em trabalho como diretor de comunicação do governo do Amazonas

MESTRINHO E O MEDO DE AVIÃO

Candidato a governador, em 1982, Gilberto Mestrinho fez uma campanha de seis meses. Durante esse tempo ele se dividia em agendas em Manaus e visitas ao interior, onde ia de barco, usando avião apenas para rápidos deslocamentos. Mestrinho parecia não gostar muito de avião.

Eu era um dos jornalistas da campanha. Os jornalistas Mário Adolfo, Eduardo Gomes e Carlos Dias, completavam a equipe do impresso. A equipe de TV era da empresa Besançon e tinha Sandra Monteiro e Fernando Reis.

Numa dessas viagens nós saímos de Manaus numa sexta-feira em dois barcos. Ao todo, umas 30 pessoas, entre candidatos proporcionais, seguranças e equipes de apoio e de comunicação. Destino: Parintins, onde seria realizado, no sábado, um grande comício, mas antes de Parintins, Mestrinho precisava ir com o candidato a vice, Chico Garcia, até Nhamundá.

No sábado pela manhã, Mestrinho, Garcia e um cinegrafista, teriam de ir num hidroavião até Nhamundá. Antes de entrar no avião, conversou com o piloto, perguntou se estava tudo ok, se havia combustível suficiente e só então embarcou.

Os barcos seguiram viagem com a orientação de aguardar o retorno dos três antes de atracar em Parintins, o que deveria acontecer até 17h.

Às 18h nada do retorno e já havia um clima de preocupação no barco, quando alguém avistou uma pequena voadeira com alguns homens acenando. Era Mestrinho, Garcia, o cinegrafista e mais umas duas pessoas.

Mestrinho subiu rápido no barco. Trocou de roupa (nessa época, quase sempre vestia uma camisa vermelha, puxando pro grená) e logo estava pronto para desembarcar em Parintins, sem contar o susto pelo qual passou e só contou no retorno a Manaus. O avião teve uma pane de gasolina e pousou na água mesmo. Felizmente era um hidroavião.

A MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DE MESTRINHO

A memória de Gilberto Mestrinho me impressionava.

Na campanha de 1982, ao deixar o município de Parintins, foi necessário que o barco saísse rapidamente do porto, porque muitos populares estavam atrás dos candidatos proporcionais, criando uma pequena confusão na área.

Mestrinho percebeu e mandou que a embarcação partisse. Todos nós ficamos no terceiro e último andar do barco. Um grupo de 30 a 40 pessoas entre candidatos, assessores, e pessoal da estrutura.

Bem no centro, num gesto característico que tinha de colocar as mãos à cintura, Gilberto olhou em volta e falou: “cadê o Carlão, cadê o fotógrafo?”. Todos olharam e perceberam que o Carlos Dias não tinha conseguido embarcar e provavelmente estava no porto.

Mestrinho chamou alguém da tripulação e mandou uma voadeira pegar o Carlão para trazê-lo ao barco.

No meio de tantos, e após um dia inteiro de atividades, ele lembrou do Carlão. Que coisa né?



Imagem 15 - Com Samuel Hanan, ex-vice governador do Amazonas

ROCK NO COMÍCIO DE ARTHUR

Na campanha de 1986, para o governo do Amazonas, Arthur Neto era o candidato pelo 'Muda Amazonas', movimento que reunia entre outras pessoas o próprio Arthur ao lado de Serafim Corrêa, Felix Valois e vários outros nomes.

Num dos primeiros comícios da campanha, lá em Itacoatiara, o Arthur praticamente fazendo estreia num embate com o Gilberto Mestrinho, que apoiava a candidatura de Amazonino, disputando a sua primeira eleição. Viajei ao município como um dos integrantes da equipe de campanha.

Por volta de 18h30 fui dar uma volta na praça onde seria realizado o comício, que naquela época era uma grande festa, com apresentação de música, muitos discursos e até sorteio de alguns brindes. Para minha surpresa, encontro Arthur Neto no coreto principal.

Disse a Arthur que ele precisava voltar ao hotel e só poderia chegar à praça, no momento em que o clima estivesse lá em cima, com a emoção à flor da pele. E só depois que a banda Dix estivesse no meio da música, da banda Europe.

Arthur se recolheu ao hotel e chegou horas depois carregado por apoiadores. Amazonino ganhou, mas o 'Muda Amazonas' fez uma campanha e tanto, em Manaus e no interior do Estado.



Imagem 16 – O jornalista Carl Bernstein ao centro, do Washington Post, um dos responsáveis pelo Watergate, entre os jornalistas Mario Adolfo e Claudio Barboza

OS BILHETES DO ARTHUR

Em 1989 eu era o subchefe de gabinete da Prefeitura de Manaus da gestão do Artur Virgílio Neto, que havia ganhado a eleição numa vitória surpreendente sobre Gilberto Mestrinho nas eleições de 1988.

E chegava muito cedo na prefeitura, que ficava no Paço Municipal, centro histórico de Manaus. Quem também chegava às sete da manhã era o secretário de Finanças daquela administração, Serafim Corrêa. Serafim havia sido eleito vereador e temporariamente deixou o mandato na Câmara para exercer a função de secretário.

Algumas vezes Serafim me mostrou bilhetes escritos à mão pelo prefeito Arthur Neto. Arthur escrevia num papel amarelo meio transparente e seguia o mesmo modelo adotado à época pelo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, que tinha esse hábito de disparar bilhetes aos assessores. Alguns desses bilhetes levavam Serafim à loucura.

Lembro de um deles: Arthur determinava que imediatamente fossem alocados recursos para a construção de um viaduto na Getúlio Vargas com a Floriano Peixoto.

Comentário do Serafim: “Não tem projeto, não tem recursos, não tem nada. Sem condições”.



Imagem 17 – Acompanhando Amazonino, Gilberto Mestrinho, Omar Aziz, em pré-campanha de Amazonino para o governo em 1998

A CHEGADA DO PARTIDO VERDE

Em 1990 eu era o presidente do PV (Partido Verde) no Amazonas. Havia trazido para o Estado o partido e era integrante da executiva nacional do PV na época em que a sigla estava sendo criada pelo Fernando Gabeira, pelo escritor Fernando Sarquis e pelo ambientalista Celso Minc, entre outros.

Minha motivação em fazer parte do PV era dupla: tinha identificação com a questão ambiental desde sempre e porque achava que o partido iria fortalecer a base aliada do prefeito Arthur Neto. Nesses tempos eu estava na função de subchefe de gabinete do prefeito. À época o governador do Amazonas era o Amazonino, que começou um programa de distribuição de motosserras para pessoas do interior.

Eu dei uma declaração criticando essa distribuição e alguém comentou isso numa entrevista com Amazonino. Então ele retrucou: “Diz pro Cláudio Barboza pegar um machado e tentar derrubar um mulateiro”. Mulateiro é uma espécie de árvore da Amazônia, extremamente consistente. Comentei essa questão com o prefeito Arthur e ele me disse: “Responda, mas sem ódio”. E eu respondi, observando que não era preciso tomar veneno para saber que o veneno mata. Vários anos depois, numa conversa com Amazonino, recordamos do fato. E disse a ele, que realmente, em algumas situações específicas, a motosserra é necessária.



Imagem 18 - Ao lado do jornalista Gabriel Andrade, o primeiro chefe de reportagem de Claudio Barboza

JORNADA DO NORTE, UMA NOVIDADE

O telefonema de um querido amigo e jornalista de Minas Gerais, Estevan Dulci, me avisou que três jornalistas de São Paulo estavam em Manaus e precisavam falar comigo. O ano era 1995 e ali começava a história do Jornal do Norte, cuja existência foi meteórica, mas com passagens interessantes.

No primeiro encontro com os jornalistas de São Paulo, Paulo Markun, Marília Assef e Mercadante, tive a informação de que o jornal pertencia ao empresário e empreiteiro Paulo Girardi, a quem só conhecia de vista e do noticiário. Fui convidado a assumir a editoria geral, que seria responsável pelas editorias de Cidade e Polícia.

Nenhum dos três conhecia o mercado de Manaus e nenhum outro jornalista que trabalhasse na capital amazonense. Passei então a ser o responsável pelas indicações de colegas jornalistas para compor o projeto que estava nascendo. Entre outros, indiquei Luiz Cláudio Tinôco, Sebastião Assante, Gabriel Andrade, Joana Queiroz, Robson Carvalho, Hiel Levy, Isaías Oliveira, Evandro Lôbo, Lúcia Cordeiro, Betty Rita, Osmir Medeiros, Miriam Malina, Ana Cláudia Jatahy, Castelo Branco, Adalto Xavier, Eduardo Gomes, J. Mendonça, Lenise Ypiranga, Liliane Maia, Beth Menezes e Nely Pedroso.

Outros como Paulo Castro e Paulo França Segadilha também foram indicados, mas não houve acordo.

O novo jornal ficava no bairro de São Sebastião, na avenida. André Araújo, onde hoje funciona a Editora Novo Tempo. A redação estava sendo preparada. Em espaço físico seria a maior redação de Manaus e no andar de baixo uma impressora zerada estava pronta.

Um projeto novo e bem-sucedido de editoração do jornal O Estado de Minas foi comprado. Era tempo de começar o treinamento para editores e repórteres, mas uma contra-ofensiva da mídia local causou o atraso no lançamento do jornal que teve de mudar de endereço e temporariamente passou a funcionar em uma casa ao lado do Amazonas Shopping, na avenida Darcy Vargas.

PRIMEIRO A ENTRAR, SEGUNDO A SAIR

Em 1996 fui o primeiro jornalista a ser contratado pelo diretor geral do Jornal do Norte, Paulo Markun, e por essa razão terminei indicando uma boa parte dos colegas que fizeram parte da primeira formatação da redação. Fui o segundo a ser demitido, no mesmo dia em que ocorreu o desligamento do jornalista Isaías Oliveira, editor de Economia.

Eu havia conversado naquele dia com alguns colegas editores, para que ninguém fizesse a gravação de chamadas para a TV por causa da injusta demissão do Isaías. De longe, o editor chefe, Henrique Lago, observou a movimentação. Minutos depois, o Markun me chamou em sua sala e disse: “Você e eu sabemos o quanto sua participação foi importante para esse projeto, mas neste momento estou dispensando seus trabalhos.

Obrigado por tudo”.

Militante do PCB durante muitos anos, Paulo Markun sabia que eu tinha uma relação muito boa com a maioria da redação. Boa parte eu havia indicado pessoalmente e outros eram colegas de muitos anos. Minha intenção não era prejudicar a empresa, mas dar outra dinâmica ao projeto em busca de uma viabilidade que não existia. As semanas seguintes reforçaram esse conceito e em três meses o projeto original foi sendo desmontado.

Era algo previsível. Os custos eram altíssimos. A redação tinha mais de 130 pessoas. Dos jornalistas que Markun havia trazido do Rio e São Paulo, só 20% se justificavam. A demissão do Isaías ocorreu por causa de um ‘preciosismo’. O Bruno, que era do Rio de Janeiro, implicava com a maneira que o Isaías fechava as páginas de Economia. Nada que se justificasse. O Isaías, por temperamento, eu o conheço há uns 30 anos, fazia de conta que ouvia Bruno, mas fechava à sua maneira.

Desde que entrei no Jornal do Norte, Paulo Markun havia me convidado a assumir em algum tempo a direção geral. A ideia dele era ficar uns dois meses em Manaus e depois retornar a São Paulo. Minha opção, no entanto, era outra. E por isso cheguei a conversar com o jornalista Hiel Levy, editor de Política, a quem contei a história dizendo ao final: “Eu não tenho interesse. Você tem?”. Ele disse que sim. “Então vou trabalhar o seu nome”, repliquei. Saí antes de viabilizar essa alternativa.

Meses depois, Markun me telefonou. Estava em São Paulo e necessitava de um advogado para uma disputa que teria com a direção do Jornal do Norte.

A CURTA HISTÓRIA DO JORNAL DO NORTE

Sob ataque pesado da mídia local, o empresário Paulo Girardi desistiu de manter a sede do Jornal do Norte no Aleixo e transferiu temporariamente a estrutura de redação para um espaço próximo ao Amazonas Shopping, na Darcy Vargas, onde hoje existe um posto de gasolina. O ano era 1996 e ali começava talvez o maior erro da curta história do Jornal do Norte.

Cabe o registro: a mídia local dizia que a impressora do Aleixo não poderia ser usada pelo jornal porque havia sido financiada em função de um projeto da Sudam.

Ao deixar o prédio do Aleixo, o Jornal do Norte deixava uma impressora nova em folha e iria em busca de uma alternativa que dias depois seria formalizada com o Jornal do Comercio. Paulo Girardi mandou vir um técnico em impressora do Rio de Janeiro que fez um condicionamento na máquina do JC, deixando-a praticamente nova.

No prédio, próximo ao Amazonas Shopping, muitos jornalistas, mais de 50, que haviam sido contratados com salários médios entre R\$ 2,5 mil a R\$ 4,8 mil para editores, cumpriam horário fazendo treinamento no sistema de texto adquirido no jornal Estado de Minas.

O comando do Jornal do Norte ainda estava com os jornalistas Paulo Markun, Marília Assef e Luiz Mercadante.

Um novo prédio na rua Afonso Pena iria receber a redação do Jornal do Norte, então com mais de dois meses de atraso em seu lançamento, que ocorreu em 21 de janeiro de 1996.



Imagem 19 – Com o empresário Armando Mendes, filho de Amazonino Mendes

PAULO MARKUN APLICOU NO PAULO GIRARDI

Meses após sair do Jornal do Norte, recebi um telefonema do Paulo Markun, que havia deixado a diretoria geral do jornal. Ele queria que eu indicasse um advogado para acompanhá-lo numa ação que iria mover contra a empresa. Indiquei o advogado Antônio Lucena, que o representou.

Foi então que tomei conhecimento: Markun havia registrado o nome Jornal do Norte como de sua propriedade e o empresário Paulo Girardi teve que pagar para ser dono do título. Posteriormente, ao que parece, o nome Jornal do Norte foi vendido ao empresário do setor de educação, Waldery Areosa.

A vida do Jornal do Norte foi curta, mas intensa e com reflexos positivos na mídia local. Ao todo, o projeto pleno, com uma redação que chegou a ter mais de 130 profissionais, alcançou uns quatro meses quando começaram os cortes.

O sistema de 'ilha', hoje normal na formatação física das redações de Manaus, começou no Jornal do Norte, com as editorias se agrupando em espaços específicos.

O sistema de edição de texto que o Jornal do Norte usou foi outro avanço. Comprado ao Estado de Minas, era dos mais modernos. A ideia original do projeto era que os editores fechassem as páginas, eliminando a diagramação formal. A iniciativa, no entanto, não se concretizou.

Os salários do Jornal do Norte puxaram a média salarial dos jornalistas de Manaus para cima. Um editor, em 1996, no lançamento do jornal, chegou a receber mais de R\$ 5 mil entre salário, gratificações e extras.

O trabalho de reportagem do JN, apurações, fotografias e edições de página também merecem destaque. O grande problema foi a falta de gestão. O empresário Paulo Girardi investiu pesado, mas a equipe responsável pela administração, à frente o jornalista Paulo Markun, não tinha a visão administrativa necessária. Em menos de três anos o Jornal do Norte fechou as portas.

AMAZONINO DISSE NÃO

Era o mês de junho de 1998 e já se vivia o início da campanha eleitoral. Amazonino, governador, era candidato à reeleição. Eduardo Braga era o candidato do outro lado. No mês de junho, às vésperas da abertura do Festival de Parintins, eu estava naquele município coordenando a equipe de Comunicação do governo.

No dia em que ia começar a festa, a jornalista Mônica Santaella, que fazia parte do grupo, me disse que a equipe de Comunicação de Eduardo Braga estava querendo se credenciar para o Festival. “O que vamos fazer?”, indagou. Respondi-lhe que iria falar pessoalmente com o governador sobre o assunto. Era quase 16 horas quando o avião de Amazonino pousou no aeroporto Júlio Belém. Antes de deixar o local, perguntei a ele sobre a solicitação do pessoal do Braga.

Ele foi taxativo: “Não dê”. Amazonino ganhou a eleição de 1998 e ao deixar o governo, em 2002, escolheu Eduardo Braga para ser seu sucessor. Talvez por isso, de alguma forma, os colegas jornalistas, que faziam parte da campanha de Eduardo, entraram normalmente naquela noite de junho no bumbódromo de Parintins.



Imagem 20 – Com o jornalista Paulo Castro, no começo de uma campanha para a prefeitura de Manaus

A IMPORTÂNCIA DO ENTROSAMENTO

Na campanha de 1998 eu era o jornalista que acompanhava Amazonino, candidato à reeleição. A equipe era formada por mim, pelo cinegrafista Barão e pelo fotógrafo Nildo. A outra parte da comunicação da campanha, bem numerosa, entre editores de imagem, editores de texto, fotógrafos, cinegrafistas, coordenadores diversos, locutores, marqueteiros, ficava na agência de publicidade Oana.

Em vários momentos o material produzido pela nossa assessoria de campo, que na realidade se destinava ao jornalismo institucional, para divulgação em jornais, rádio e TV (a internet ainda engatinhava) era reaproveitado e trabalhado pela produtora para o horário eleitoral.

Lembro bem de uma matéria que fizemos: um levantamento de dados relativo ao crescimento da geração de empregos na Região Norte em função de iniciativas do governo estadual tais como construção de escolas, postos de saúde, realização de concursos, além de incentivos a projetos comerciais e industriais.

Fiz o texto, selecionamos imagens para TV e jornal e mostrei ao Amazonino. Na mesma hora ele orientou: “fala logo com o pessoal da produtora, vamos usar isso no horário eleitoral”. Assim foi feito.

Isso mostra quão é importante o entrosamento entre os setores de uma campanha onde o trabalho de um pode resultar no desdobramento de outras possibilidades dando maior visibilidade ao material e aumentando as chances do candidato.



Imagem 21 – Como diretor de comunicação da Assembleia Legislativa do Amazonas e funcionários do setor

A FALTA DE TESÃO DE AMAZONINO

1998. Reeleição de Amazonino. Nosso grupo havia chegado ao município de Santa Isabel do Rio Negro por volta das 9h da manhã e enquanto aguardávamos no aeroporto a chegada do avião que vinha trazendo o Amazonino, a conversa rolava com o José Melo, candidato a deputado federal e coordenador de toda a campanha no interior do Estado.

Nosso grupo era formado pela assessoria de imprensa, eu, o cinegrafista Barão e o fotógrafo Nildo, alguns militares integrantes da equipe de segurança e alguns candidatos a deputado. Ao todo, umas doze pessoas.

Em Santa Isabel, Amazonino fazia o percurso padrão: ida ao mercado municipal, caminhada em algumas ruas e participação num comício. Depois a viagem continuou para Barcelos e São Gabriel da Cachoeira. Em média, essas viagens durante a campanha aconteciam em três municípios por dia.

A campanha estava no início. Havia começado apenas uns 25 dias antes.

Naquela conversa o Melo revelou que o Amazonino estava sem tesão pela campanha. “Ele está sem vontade, meio desmotivado, vamos precisar de muita união no grupo pra gente tocar isso”, afirmou.

Amazonino, no entanto, ganhou energia ao longo da campanha e a terminou dois meses depois comandando uma grande carreta nas ruas de Parintins.

Algum tempo depois ele me contou: “quando vou sentindo o contato com o povão, o abraço de quem confia em você, não tem jeito, não tem como não se contagiar. É o meu combustível”, revelou.

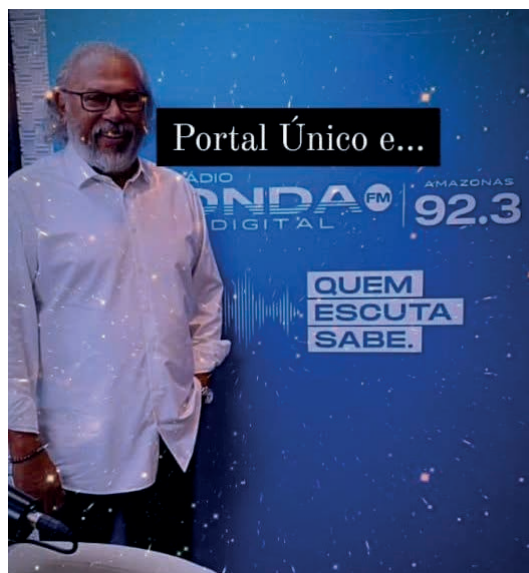


Imagem 22 – Parceria do Portal Único, do qual é o CEO e a parceria com a rede de rádio e tv Onda Digital

O LADO MÍSTICO DE AMAZONINO

No ano de 1998 Amazonino descobriu a Rosacruz, a milenar organização mística que não se enquadra em religião ou seita, mas como um movimento místico e filosófico, que teve origem nas escolas egípcias de mistérios há 3.600 anos.

Amazonino se dedicou aos estudos Rosacruz com dedicação e buscando aproveitar o máximo dos ensinamentos, o que se percebia até pela curiosidade que demonstrava em relação ao assunto.

À época eu já era Rosacruz há muitos anos e tive a oportunidade de conversar com ele sobre alguns princípios da Ordem.

A leitura das apostilas da Rosacruz caiu como uma luva para Amazonino, que conforme mencionamos em outros textos, tinha uma grande atração pela história egípcia.

Além da história propriamente dita, os ensinamentos místicos da Ordem despertaram o interesse dele, preenchendo espaços de conhecimento e alimentando a sua inquietude quanto à compreensão do Universo.

Amazonino era um místico. A religião tradicional não era uma motivação para ele.



Imagem 23 – Na comitiva do Governo do Amazonas, em Cuba. Na foto: Amazonino e Vicente Nogueira (ex-secretário de educação), Francisco Deodato (Saúde) e Sérgio Melo, Superintendente da Suframa

DICAS PARA SER POLÍTICO

Não perca sua identidade, não se deixe apagar por nenhuma ‘maquiagem’ por mais que o marqueteiro seja o melhor do mundo. A essência é fundamental. Essas observações são de Amazonino Mendes, feitas em uma das inúmeras viagens que tive a oportunidade de acompanhá-lo.

Nessas viagens de barco, Amazonino gostava de reunir em volta da mesa do café um grupo de pessoas, normalmente políticos que estavam na comitiva, e assessores.

Nesse cenário ele externava teorias sobre administração pública e muita política, tanto em avaliação a assuntos nacionais quanto ao Estado do Amazonas.

Esse tipo de conversa também acontecia em Manaus em muitas manhãs na casa dele.



Imagem 24 – Entre os colegas jornalistas Valmir Lima, Neuton Corrêa e Marcos Santos

OS LIVROS DA MESINHA DE CABECEIRA

Amazonino era uma pessoa que lia muito e a leitura dele era uma leitura variada. Mergulhava em livros de poesias modernas, de política e principalmente de história. Gostava de buscar nessas leituras, creio eu, conhecimento e experiências que em várias ocasiões deve ter utilizado em sua vida pública.

Uma de suas leituras prediletas eram livros sobre o Egito, que faziam referências aos imperadores. Tive a oportunidade de em alguns momentos compartilhar seu encantamento com a leitura.

Lembro que em uma viagem a Cuba, fiquei um bom tempo ouvindo relatos sobre livros que retratavam a história do Egito.

Em algumas ocasiões, acho que Amazonino gostava de fazer alguns testes. Ele começava a falar sobre determinado livro e depois, como quem não quer nada, começava a fazer perguntas sobre o tema.

O certo é que a leitura era um hábito que ele manteve até os derradeiros dias de sua existência.



Imagem 25 – Colação de grau na Universidade Federal do Amazonas

A MATRINCHÃ DESIDRATADA

Numa das viagens de barco, Amazonino me perguntou se eu já havia comido matrinchã desidratada. Eu disse que não. Ele falou: “o Negão aqui vai te mostrar”. E me levou até a cozinha, onde diversos peixes estavam em um depósito. Ele pegou uma matrinchã, e comentou: “vais comer a melhor matrinchã do mundo, e eu mesmo vou fazer”. No almoço, a matrinchã estava lá, conforme ele havia dito. Amazonino era assim, quando queria seduzir. Tinha a capacidade de envolver a pessoa com uma situação, um comentário ou ação.



Imagem 26 – Com o ex-presidente de Cuba, Raul Castro

A FUNDAÇÃO DE AMAZONINO

Numa viagem ao interior amazonense, em 1999, exatamente num final de tarde, enquanto o barco navegava em um ‘furo’ (áreas que se alagam no período de cheias e às vezes são utilizadas para encurtar a viagem), eu e o governador Amazonino aproveitávamos o vento de proa e começamos a conversar sobre um assunto que o incomodava: a falta de quadros no Amazonas, profissionais qualificados de áreas diversas. Algumas vezes ele havia tocado nesse tema e naquele momento me incumbiu de fazer uma fundação que contemplasse essa expectativa.

Fui a Minas Gerais, conversei com amigos sobre a fundação e recebi generosamente muitas contribuições. Também estive em São Paulo na mesma motivação. De volta para Manaus, comecei o projeto. Meu cunhado à época, advogado Antônio Lucena, me ajudou na formulação legal.

Conversei com o empresário Carlos Edson, dono da Editora Novo Tempo e próximo de Amazonino. Ele garantiu que tinha o espaço físico para a fundação, que teria o nome de Fundação Armando Mendes, em homenagem ao pai de Amazonino.

Após alguns meses tudo estava pronto. Numa noite de um dia na semana, na mesa de jantar na casa de Amazonino, lá no bairro do Tarumã, apresentei o esboço do projeto. Na mesa, entre outros, estava o Lisson, que havia assumido a chefia de gabinete do governo.

Entre uma garfada e outra, Amazonino ouviu os princípios básicos do projeto, mas não deu a atenção que eu esperava. Saiu da mesa sem sinalizar nova conversa.

Lisson me disse: “ele não está mais interessado nessa fundação”.

Meses depois, acho que entendi. Ele estava pensando na criação da UEA.

CRIAÇÃO DA UEA

Numa viagem ao Japão, em 2000, durante o café da manhã, no Hotel Imperial, o professor Vicente Nogueira, à época secretário de Educação do Amazonas, sugeriu a Amazonino a criação de uma universidade do Amazonas. Quem me contou foi o próprio professor Vicente.

“Governador, estive recentemente na celebração de aniversário de alguns cursos superiores da Ufam (acho que era celebração de 15 ou 20 anos, não lembro bem), que haviam sido criados pelo professor Mourão. Esses cursos estavam bem fragilizados na sua estrutura física e com meia dúzia de docentes, quando foram recebidos pelo Roberto Vieira, que havia sido colega de turma de Amazonino na Faculdade de Direito. Apesar de o Roberto ter feito um esforço enorme e fortes investimentos na consolidação desses cursos, os discursos de todos os que falaram na ocasião eram em reconhecimento ‘ao reitor Mourão, corajoso e visionário, que não esperou por uma época de bonança para lançar as raízes cujos frutos hoje se estão a comemorar’. Que tal então, governador, criarmos uma universidade estadual no final de seu penúltimo ano de governo? Fazemos um vestibular e iniciamos com salas cheias em 2002, criamos um *fait accompli* (fato consumado) e deixamos ao próximo governo a tarefa de consolidá-la. Sou capaz de apostar que o senhor vai levar os créditos da mesma forma que o professor Mourão levou, na situação que mencionei”.

E prosseguiu no argumento:

“Além disso, governador, uma universidade é muito diferente de obras físicas. Ela é uma instituição. O Estado tem muitos prédios construídos ao longo de muitos governos. Quem do povo sabe hoje quem fez o prédio da Sefaz, da Seduc, do Fórum Henoch Reis? Já uma universidade, com vida praticamente perene, certamente guardará para sempre a lembrança de quem a criou”.

Amazonino ouviu e não comentou de imediato. De noite disse para Vicente tocar em frente a ideia.

Vicente relatou:

“Comecei a conversar com o Deodato (Francisco Deodato, secretário de Saúde) sobre quais seriam as propostas para a área de saúde. Contratei então um estudo da Fundação Christiano Ottoni, ligada à Escola de Engenharia da UFMG e que já tinha um contrato de consultoria com a Seduc para fazer um estudo-proposta sobre os possíveis cursos na universidade a ser criada”.

FINALMENTE A UEA

Nesse mesmo ano de 2000 eu, na função de jornalista do governo, Vicente e Deodato, acompanhamos Amazonino em visita oficial a Cuba. Lá, a criação da nova universidade foi acelerada. Amazonino ficou surpreso com a rapidez com que os cubanos haviam criado uma Faculdade de Medicina, que visitamos em Havana, tirada do papel em apenas seis meses. Se empolgou e resolveu começar mais cedo a concretização da UEA. A ida a Cuba fez com que ele antecipasse a decisão em um ano.

Tudo isso se passou numa antiga casa que havia sido do Al Capone, transformada em restaurante pelo governo cubano. Na mesa estavam o Vicente Nogueira, o Francisco Deodato, o presidente do Instituto Tropical, Wilson Alecrim, o superintendente da Suframa, Sérgio Mello, e Amazonino, que estava em Cuba para comprar medicamentos desenvolvidos no país caribenho contra malária e ter uma reunião com Fidel Castro, a fim de viabilizar parcerias na área de saúde. A reunião terminou acontecendo com o irmão de Fidel, Raul Castro, porque o comandante Fidel estava numa região do interior, distante de Havana.

Na volta a Manaus, Vicente começou a se reunir com o Dr. Pacífico, chefe da Casa Civil, para as providências legais que deveriam ser tomadas. Numa dessas reuniões, Dr. Pacífico sugeriu que Lourenço Braga, secretário de Administração e presidente da Comissão de Licitação, fosse chamado para participar do grupo.

“Concordei de imediato. Lourenço havia sido meu professor na Faculdade de Direito, muito bom aliás, e eu o respeitava e estimava. Continuo respeitando e estimando”, contou Vicente.

“Daí em diante, o processo foi acelerado. No Amazonas há uma peculiaridade que ajudou bastante: o presidente do CEE (Conselho Estadual de Educação) é o próprio secretário de Educação. Como o secretário, via de regra, não consegue comparecer às frequentes reuniões do CEE, normalmente algum conselheiro é designado presidente substituto. Em razão de um pequeno imbróglio ocorrido no passado com uma presidente substituta, a professora Ruth Prestes, eu havia feito uma portaria estabelecendo que no período de recesso do CEE, ele se faria representar exclusivamente por seu presidente, afastando a eventual ação monocrática do presidente-substituto. Como secretário de Educação enviei então um ofício ao CEE expondo a intenção governamental de criar uma nova universidade e pedindo a autorização para seu funcionamento.

Apelei ao senso do bem comum. Então, agindo em representação do próprio Conselho, concedi a autorização necessária, *ad referendum* (ato tomado isoladamente) do plenário do Conselho. Sabendo que ao retorno dos conselheiros à atividade pouco haveria mudado, na própria autorização estabeleci o prazo de 18 meses para a universidade apresentar a documentação necessária para que então a autorização, que era necessariamente precária por não ter sido apreciada pelo plenário, fosse apreciada e então referendada (ou não). Posteriormente esse prazo foi estendido por mais 18 meses,

ao fim dos quais o reitor apresentou o que o Conselho precisava. Nessa oportunidade a universidade era realidade concreta e não mais poderia deixar de ter referendado o ato inicial”, relatou Vicente.

Em 12 de janeiro de 2001, a Lei nº 2.637, regulamentada pelo decreto 21.666, de 01 de fevereiro de 2001, criava a UEA (Universidade do Estado do Amazonas), com Lourenço Braga sendo nomeado o primeiro reitor da instituição.

OBS: A fase de implantação da UEA teve a participação direta do advogado Robério Braga, do professor José Lourenço e do empresário e filho de Amazonino, Armando Mendes.



Imagem 27 – Com Fernando Gabeira, encontro nacional do PV

AMAZONINO E O DIÁRIO

Era um sábado de manhã do ano 2000 quando o tenente Alencar, da Casa Militar, me ligou e disse que o governador Amazonino queria falar comigo. Na época eu era o diretor de Comunicação do governo. Me dirigi para a casa do governador, no Tarumã, e lá chegando, assim que entrei na sala percebi entre as várias pessoas, Egberto Batista, Alfredo Nascimento, Rui Cantanhede, Lisson, o tenente Alencar. Amazonino me perguntou de ‘bate pronto’, antes mesmo que eu me sentasse: “qual é o meu contraponto à A Crítica?” e eu, sem pestanejar, falei: “Diário do Amazonas”, no que ele perguntou: “por que”?

Respondi: “a alma de um jornal impresso é a impressora e o Diário do Amazonas tem uma boa impressora. Uma redação, com pessoal e computadores, é possível montar com relativa facilidade, mas a complicação é ter uma boa impressora. Não existe impressora pronta para comprar. Quando você faz um pedido, ela vai ser fabricada. O Diário já tem uma impressora e isso facilita muito, além do que no Diário há um comando único”.

E ele perguntou: “quem manda lá?”.

Disse que era o Cirilo, filho do Batará, empresário de vários ramos em Manaus, a quem eu nunca tinha encontrado pessoalmente.

Ele mandou alguém ligar para Cirilo e pouco depois fomos para a sede do governo esperar o Cirilo.

Foi a primeira vez que eu vi o empresário Cirilo. Ele chegou à sala onde estavam eu, o Egberto e o Amazonino. Se apresentou e Egberto fez um sinal para que eu e ele deixássemos a sala. Amazonino e Cirilo ficaram conversando ali por mais de uma hora. Ali começou uma parceria entre Amazonino e o Diário do Amazonas.

O Diário passou a ser uma trincheira do governo de Amazonino, mas em nenhum momento comprometeu sua linha editorial.

O jornal investiu, contratou novos profissionais, modernizou sua redação e comprou até outra impressora.

Hoje, lembrando desse fato, avalio que fui profissional e técnico ao dar a informação ao governador.

SAMUEL IA SER GOVERNADOR

Diversas vezes escutei Amazonino dizer que só Samuel Hanan tinha condições de governar o Amazonas. “Samuel é um gênio e o Amazonas hoje é um Boing. Só uma pessoa como Samuel para pilotar esse avião”, dizia ele.

À época, em seu segundo mandato, Amazonino era o governador e Samuel Hanan seu vice. Samuel era filiado ao PFL de Amazonino, e ensaiou alguns passos. Fez viagens ao interior e tentou equilibrar o perfil de executivo com o jeito político, mas não conseguiu ser candidato. Ele saiu do PFL e ingressou no PMDB, caindo nos braços de Gilberto Mestrinho, mas não foi o suficiente para garantir sua candidatura.

Samuel foi atropelado pela ‘corte’, grupo que desde Roma é responsável por intrigas nos corredores do poder. Essa ‘corte’ plantou, e alimentou, intrigas entre Amazonino e Samuel. Comentários como: “governador, o judeu (assim se referiam a Samuel Hanan pelo fato dele ser descendente de judeus) diz ser ele quem manda no dinheiro do governo e que não vai fazer os pagamentos que o senhor mandou...”, eram soprados com frequência nos ouvidos de Amazonino.

Na realidade, por decisão do próprio Amazonino, questões econômicas do governo ficavam a cargo do vice, que antes de chegar ao cargo, foi secretário de Fazenda do Amazonas e que, apesar de ser engenheiro de formação, sempre teve muita proximidade com os números.

O que Samuel fazia era administrar com responsabilidade as finanças estaduais, mas a intriga plantava outras coisas na cabeça de Amazonino.

De tanto ouvir, creio que ele eliminou a possibilidade de Samuel ser o candidato à sua sucessão. Ele terminou apoiando Eduardo Braga, que foi eleito.

Apesar desse cenário, Amazonino e Samuel nunca brigaram publicamente e mantiveram a relação até a morte do ex-governador, em 2023.

UM NOVO JORNAL, O ESTADO DO AMAZONAS

Quando telefonei ao amigo Sebastião Reis a intenção era falar sobre a ONG Amigos da Amazônia, com o objetivo de produzir artigos sobre meio ambiente. Ele e outro amigo, Paulo Castro, estavam iniciando o projeto do jornal O Estado do Amazonas, do Grupo Garcia.

Eu não pensava em voltar a trabalhar em jornal, mas Reis quis falar pessoalmente e fui à sede do jornal, no Aleixo, naquele ano de 2003.

Saí de lá como editor executivo numa estrutura inicial do 'Estadão', que ficou constituída da seguinte maneira: diretor de redação: Sebastião Reis, diretor comercial: Paulo Castro e editor executivo: Claudio Barboza.

A estrutura se completou nos dias seguintes com a chegada de Marcos Santos, na função de chefe de reportagem se bem que na prática Marcos atuou como editor de Opinião, sendo o responsável pela coluna institucional do jornal e artigos publicados nas páginas 3 e 4 do primeiro caderno.

Desde o início enfrentamos problemas técnicos que ao longo dos dois anos em que estive na empresa nunca foram superados. Faltavam computadores, impressora de qualidade e nossos equipamentos fotográficos estavam aquém das necessidades.

Em contrapartida, o time que se formou era muito bom. Um dos melhores que tive a felicidade de participar. Se faltavam equipamentos, sobrava talento e garra na dupla Reis e Paulo Castro, que construíram uma relação de trabalho arejada e construtiva com todos os que foram chegando para tocar o projeto.

O ambiente de trabalho, com todas as tensões normais de uma redação, sempre foi muito superior ao que encontrei em outros locais. O bom humor dos amigos Reis e Paulo Castro teve papel muito importante nisto que pode parecer detalhe, mas foi fundamental no dia a dia de um jornal que superando dificuldades técnicas deu muitos 'furos' e registrou vários avanços na produção jornalística.

No primeiro número do jornal, a minha amiga Betsy Bell dormia na mesa às duas da madrugada esperando o Marcão (Sílvio Marcos, grande profissional e ótima pessoa humana falecido precocemente em 2020), chefe da diagramação, chamá-la para fechar a revista Tudo de Bom, que iria circular sempre aos domingos.

PROMESSAS QUE NÃO SE CUMPRIAM

Os jornalistas Paulo Castro e Sebastião Reis foram autores do projeto que deu origem ao jornal O Estado do Amazonas, no ano de 2003. Após convencer o empresário Francisco Garcia de que o investimento era viável.

A presença de Paulo Castro representou um raro momento em que um jornalista assume de forma direta uma área comercial, algo extremamente raro no mercado, tanto em Manaus quanto em outras praças, onde a figura do jornalista não se insere nas áreas comerciais, até porque há uma opinião generalizada de que jornalista não tem habilidade para fins administrativos e muito menos financeiros. O que não é verdade, pois há colegas bem-sucedidos nessas áreas.

Apesar da função comercial, Paulo nunca se desligou da redação. Era presença frequente e várias vezes, durante o dia, estava presente, muitas vezes compartilhando o fechamento da primeira página com Sebastião Reis e comigo, enquanto editor executivo. Alguns meses depois, uma boa proposta do jornal Correio Amazonense, que estava sendo montado pelo grupo de Amazonino Mendes, iria tirar Paulinho d'O Estado do Amazonas.

Além da boa proposta, um dos motivos da saída de Paulo era a falta de perspectivas em O Estado do Amazonas. Os equipamentos eram antigos, as promessas da direção em comprar novos não se confirmavam e o tempo ia passando. A redação fazia a sua parte, mas o jornal tinha problemas sérios na impressão. A impressora era da década de 1960 e muito pequena, o equipamento fotográfico não era dos melhores e os computadores da redação também eram superados.

Paulo Castro seguiu cheio de esperanças e entusiasmo para o Correio Amazonense. Além de editor executivo, passei a acumular a diretoria comercial. Outros colegas iriam nos deixar nos dias e meses seguintes seguindo para o Correio e Diário do Amazonas. E lá se foi Betsy Bell. Mas o Correio Amazonense não passou de 'fogo de palha'. Fundado em 5 de junho de 2005, um jornal a serviço de Amazonino Mendes, fechou suas portas em 28 de novembro de 2006.

MUITA AGITAÇÃO NA PRIMEIRA EDIÇÃO

A primeira edição d'O Estado do Amazonas saiu sem nenhum teste anterior, ou seja, não fizemos nenhuma simulação, não houve uma edição zero para ajustes. Foi tudo 'de primeira'. Numa sexta-feira, 23 de outubro de 2003, um dia antes do aniversário de Manaus, o dia foi agitado no prédio onde ficava o jornal. As movimentações começaram antes das dez da manhã num vai e vem frenético entre repórteres, editores e revisores, fotógrafos, diagramadores e pessoal da área comercial.

O bom humor e o jeito de trabalhar do Sebastião Reis era um ponto favorável. Na outra ponta, o Paulo Castro fechava os últimos anúncios para a primeira edição, mas Paulinho nunca ficava longe da redação. Estava sempre presente, buscando o melhor caminho.

O setor da diagramação, sob o comando do Marcão, começou a fechar páginas antes das onze, de sexta-feira. Só iria concluir o trabalho quase às cinco da manhã de sábado. A

edição sairia ampliada. Sete cadernos com oito páginas cada, além da revista Tudo de Bom, com 18 páginas, que nesta primeira edição teria a jornalista Betsy Bell na editoria.

Na fotografia a coordenação geral era do experiente e ótimo Raimundo Valentim que contava, entre outros, com o talento de Zezinho, Danilo Melo e Reinaldo Okita.

Enquanto Marcos Santos cuidava das páginas de Opinião, selecionando articulistas que iriam dar 'peso' ao jornal, como Felix Valois e Ismael Benigno, eu acompanhava o trabalho dos outros editores, checando o fechamento de páginas, auxiliando o diretor de redação.

O entra e sai na redação, localizada no mesmo prédio onde funcionava a TV Rio Negro/Band revelava o clima de expectativa. A ideia era colocar o jornal na rua nas primeiras horas de sábado, se antecipando até mesmo à concorrência. O projeto era bom. O jornal tinha um formato moderno e priorizava o conteúdo. O projeto gráfico tinha muito do Alexandre Fontoura, jornalista nascido em Niterói que trocou as praias pela Amazônia.

Nossas maiores dificuldades: mais de 50% dos computadores da redação eram antigos e a impressora da década de 1960 funcionava graças a uma equipe muito boa de gráficos. A impressão nunca foi a ideal e as páginas coloridas eram sofríveis. Muitas promessas foram feitas, mas os novos equipamentos nunca chegaram.

Numa dosagem interessante, muitos jovens jornalistas estavam tendo a oportunidade de participar do processo, entre esses estavam vários que hoje trilham com sucesso vários caminhos da comunicação.

BETSY BELL, JORNALISTA/COLUNISTA

O Estado do Amazonas teve ousadia ao lançar com destaque a jornalista Betsy Bell, para mim sempre minha querida amiga Maria Isabel, na função de colunista. Betsy Bell era da editoria Bem Viver, de A Crítica, repórter de estilo próprio, bom texto e muito bem-informada, mas nunca tinha exercido a função de colunista. Deu muito certo.

Transformou-se em leitura obrigatória.

A ida de Betsy Bell para O Estado do Amazonas só ocorreu por conta da amizade dela com os dois colegas Paulo Castro e Sebastião Reis. Há anos em A Crítica, não foi fácil convencê-la, mas falou mais alto a aposta no novo projeto e assim a repórter de A Crítica se transformou na principal colunista d'O Estado do Amazonas e do jornalismo local.

Além do texto refinado e de bom gosto, a ironia bem colocada e o humor equilibrado davam o toque especial na coluna da Bell, transformando o espaço num dos mais lidos do jornal. Assim foi até o momento em que ela seguiu para o Correio Amazonense.

Uma das primeiras perdas no nosso time foi quando o Diário do Amazonas fez uma proposta ao editor de Fotografia, Raimundo Valentim. Há meses ele aguardava equipamentos fotográficos, que não chegavam.

Sebastião Reis ainda tentou argumentar, “mas logo agora que os equipamentos estão para chegar”. Valentim partiu e os equipamentos nunca chegaram.

Estava se aproximando o Festival de Parintins e a missão de preparar a cobertura ficou comigo. A direção do jornal disse que não iria investir no evento porque a detentora da transmissão era a Rede Calderaro. Numa reunião entre Paulo Castro, Sebastião Reis e eu ficou decidido: vamos tocar o projeto por nossa conta. Definir os custos e correr atrás de patrocínio. O jornal entraria com a publicação do material.

Começo a preparar a equipe para a primeira cobertura do jornal, do Festival de Parintins, e dois jovens colegas vão me ajudar a inovar na estrutura a ser instalada na

Ilha Tupinambarana: Keynes Breves e Arlesson Sicsú, nascidos em Parintins, conheciam os detalhes da Ilha e foram importantes nesse formato.

UM AMAZONENSE NO 'CORREDOR DA MORTE'

Mercês Marinho, a nossa Mercinha, é daquelas pessoas especiais que a gente guarda do lado esquerdo do coração. Pois bem. Foi ela que, atenta ao mundo, descobriu em uma incursão pela internet que certo amazonense chamado Marco Archer Cardoso Moreira havia sido condenado à morte na Indonésia e que estava numa espécie de 'corredor da morte' aguardando a execução. Era o ano de 2005.

À época, Mercinha era casada com o jornalista Paulo Castro, a quem ela repassou a informação. Creio que passava um pouco das 19h quando Paulo contou a informação a mim e ao Sebastião Reis. Começamos uma apuração que só terminou de madrugada e garantiria ao O Estado do Amazonas um furo em toda mídia local.

Marco era de uma família tradicional do Amazonas, neto de Lourdes Archer Pinto, esposa de Henrique Archer Pinto, fundador de O Jornal e Diário da Tarde, dois veículos de comunicação que fizeram história no Amazonas da década de 1930 até a década de 1970.

Tinha, portanto, todos os ingredientes para uma excelente história.

Foram muitas ligações disparadas da redação. Conseguimos falar com a tia, que também se chamava Lourdes e há muitos anos morava no Rio, onde também morava Marco.

Ouvimos o prefeito Arthur Neto, que à época era senador e de pronto se manifestou anunciando que iria, no dia seguinte, levar o assunto ao Ministério das Relações Exteriores, o que realmente fez.

Procuramos entrevistar pessoas que tinham alguma ligação com a família aqui em Manaus, sem esquecer advogados, a fim de entender o caso do ponto de vista do direito internacional, a embaixada da Indonésia, e aos poucos conseguimos ir montando o material da edição do dia seguinte.

Marco Archer era uma espécie de playboy. Havia morado a vida toda no Rio e nos últimos anos era instrutor de voo livre. Costumava viajar com alguma regularidade para o exterior. Foi numa dessas viagens que tentou entrar na Indonésia levando 13 quilos de cocaína escondidos nos tubos de uma asa delta. Não deu. Foi executado em janeiro de 2015 depois de permanecer por dez anos no 'corredor da morte'.

Deixamos a redação bem tarde, mas com sabor de vitória. Todo material foi para as páginas d'O Estado num trabalho que contou com fotos, textos e mapas, numa montagem equilibrada e de bom gosto desenvolvida pelo Marcão. Havíamos sido, também, os primeiros a chegar ao local onde caiu um avião Brasília, da Rico, em 14 de maio de 2004, nas proximidades de Manaus.

COBRINDO O FESTIVAL DE PARINTINS

Até o Festival de 2006, todas as empresas de comunicação de Manaus, que faziam a cobertura do evento, levaram computadores, impressoras, cabos, fios, disjuntores, enfim, vários equipamentos, para montar a redação operacional. Nós do O Estado do Amazonas fomos os primeiros a mudar aquele cenário e para isso foi fundamental a participação do Keynes e do Sicsú.

Keynes e Sicsú me contaram, por exemplo, que alguns 'cyber' tinham uma boa estrutura. Foi o que me deu a ideia de alugar umas sete máquinas para nosso trabalho num desses espaços. Feito o contato com uma empresa instalada na av. Amazonas, fizemos a reserva. Deu tão certo que no ano seguinte o Diário do Amazonas seguiu a iniciativa e outros também.

Nossa equipe de Parintins era pra ninguém botar defeito: Marcos Santos, Betsy Bell, Ângela Segadilha, os mais experientes; e os que estavam começando no jornalismo, Keynes Breves, Arlesson Sicsú, Mário Adolfo Filho, coluna social com Alex Deneriaz, e na fotografia, Raimundo Valentim e Danilo Melo; Pedro e Pablo na diagramação e informática, eu na coordenação de Parintins. No apoio em Manaus: Marcão, autor do projeto gráfico do suplemento Parintins, Romyne Nova e Sebastião Reis. Quem não gostaria de ter um time desses?

Fizemos nove edições, num projeto que inovou em alguns procedimentos como, por exemplo, todo o projeto foi viabilizado numa parceria entre eu, Sebastião Reis e Paulo Castro, que assumimos os custos operacionais, ou seja, pagamos as passagens aéreas, o aluguel do imóvel para a equipe morar 12 dias em Parintins, aluguel do imóvel onde funcionou a redação e diárias pagas antecipadamente a todos que viajaram.

O Estado do Amazonas viabilizou o produto, na impressão e distribuição do caderno junto com a edição normal do jornal.

O Caderno de Parintins seguiu um padrão leve, como pede o evento. Muitas fotos e colunas específicas para Marcos Santos, parintinense e muito bem-informado da festa, Betsy Bell unindo curiosidades e social e eu numa participação mais de observador de momentos e situações. Reportagens leves dos 'meninos' Keynes e Mário Adolfo Filho, apoiados pelo fôlego de repórter da Ângela Segadilha, se uniam num projeto que deu o que falar.

Conseguimos repor nossos investimentos, obtendo patrocínio de empresas e do governo. Deu trabalho para receber, mas conseguimos. No ano seguinte, com uma equipe que sofreria mudanças em face de alguns colegas terem saído para outros veículos, voltamos a Parintins com outro projeto.

O ERRO ESTRATÉGICO DE SERAFIM

Na eleição para prefeitura de Manaus, de 2008, Serafim Corrêa era candidato à reeleição enfrentando um cenário muito difícil. Eu estava como secretário de Comunicação da prefeitura e acompanhei de perto a campanha.

Serafim enfrentou um bombardeio dos chamados programas 'populares' que ocupavam a tarde na TV Band/Manaus. Os irmãos Souza, Sabino Castelo Branco e outros, bombardeavam durante cinco horas por dia a administração de Serafim, numa situação que se repetiu durante meses.

Nesse cenário Serafim enfrentou Omar Aziz, com uma ótima estrutura de campanha e Amazonino Mendes, um adversário sempre difícil.

Mesmo assim Serafim conseguiu passar ao segundo turno, ficando a disputa final a ser travada com Amazonino.

No final do dia de votação do 1º turno teve festa em frente à casa de Serafim, no bairro N. Sra. das Graças. O clima foi pra cima e a impressão era que ele havia realmente dado um grande passo à reeleição. Mas nos dias seguintes, uma frustração: médicos próximos ao prefeito acharam (na melhor das intenções) indicar uma semana de folga para que ele se recuperasse de uma inflamação na garganta. Creio, sinceramente, que esse intervalo garantiu a vitória de Amazonino.

O entusiasmo da militância foi se reduzindo e dias depois, quando Serafim retornou a campanha, o clima era outro. Estava morno. E assim prosseguiu até o final. Amazonino venceu. O tempo é fundamental numa campanha política.

O CONVITE DE SABINO

Em um dos debates na campanha para prefeito de Manaus, em 2012, na TV Bandeirantes, era eu quem orientava o Sabino Castelo Branco nesses encontros.

Num dos intervalos eu conversei com o Sabino: “se você tiver oportunidade de fazer uma observação em relação ao Arthur, (que também era candidato a prefeito nesta eleição), você diz que, ao ser eleito, vai convidá-lo para ser seu secretário internacional, porque ele é diplomata e tem experiência para fazer esse papel no exterior. Diga que o escritório do Arthur será num avião, viajando constantemente para trazer investimentos para Manaus.

E ele assim fez. Numa das rodadas de perguntas, Sabino teve essa oportunidade e falou para o Arthur: “quando eu for eleito, Arthur, vou te chamar para ser meu secretário de Assuntos Internacionais”. Arthur ficou surpreso e tentou sorrir, mas Sabino manteve o tom e justificou a manifestação tal qual a gente havia conversado.

Foi um momento bom para ele. Arthur era um dos favoritos. Ele, Sabino, um franco atirador e pelas características dos dois, a maneira com que enfrentou o adversário, naquele momento, mostrou que estava disputando a eleição pra valer. Não era bem assim, mas a postura o colocou numa boa posição, reduzindo a carga popularesca com a qual sempre desenvolveu suas atividades políticas, por isso, Sabino precisava sair um pouco das suas características e expor um lado mais moderno, ousado e de gestor. Era preciso dar à sua candidatura seriedade, e essa foi a busca em toda campanha, o que considero que tenha sido alcançado no final.

FALEI COMO GOVERNADOR, OU PREFEITO

Na função de assessor, algumas vezes você termina dando declarações pelo titular. Isto em função de estar muito próximo de quem você está trabalhando e conhecer muito bem seus pensamentos e também por causa do tempo que a mídia cobra um posicionamento.

O tempo é um dos fatores mais presentes no dia a dia da mídia e muitas vezes uma pergunta é endereçada ao governante, com o tempo exato para se enviar a resposta. Te ligam às 11h e querem uma resposta até às 12h. Algumas vezes é impossível falar com o 'chefe'. E nesses momentos, o jeito é o próprio assessor construir a resposta, mas é necessário que tenha amplo conhecimento do assunto, a fim de que passe a resposta com o máximo de segurança. Isso acontece mesmo.



Imagem 28 – Seminário Redentorista, onde escreveu pela 1ª vez em um jornal aos 13 anos de idade

UM CONVITE PARA SER DIRETOR

Em janeiro de 2013 o deputado Josué Neto me convidou para assumir a Diretoria de Comunicação da Assembleia Legislativa.

A posse dele seria em 1º de fevereiro e foi a minha também.

A estrutura de comunicação da Assembleia: um site, redes sociais, três horas na Rádio Senado, um canal aberto de TV e outro fechado, além de ter a responsabilidade de produzir material sobre as atividades dos 24 deputados. Um quadro heterogêneo de jornalistas/radialistas. Comissionados e efetivos e gerações diferentes.

Além de manter o sistema de comunicação, era preciso cuidar do presidente Josué, que após um mandato de vereador, estava no segundo mandato de deputado estadual.

Josué sucedeu o deputado Ricardo Nicolau, que fez uma administração positiva, mas com vários embates. Teve relação difícil com os três deputados de oposição e um embate com a Rede Calderaro de Comunicação, praticamente durante os dois anos da sua gestão.

Pensamos para Josué um outro perfil. Ele seria o conciliador. Topou.

Tanto nas sessões, quanto na presença de grupos que iam à Assembleia, em alguns casos, até vivenciando momentos tensos, mas Josué Neto se manteve sereno e conciliador, sempre construindo o entendimento.

Assim se manteve nos três mandatos à frente da presidência. Ficamos no mesmo barco todo esse tempo. De 2013 a 2016 e depois de 2020 a 2021.

O DISCURSO TROCADO

Você imagina numa solenidade cheia de formalidades, o presidente da Assembleia lendo um discurso trocado, lendo algo que nada tinha a ver com aquele momento? E isso aconteceu comigo.

Numa entrega formal de uma comenda, na Assembleia Legislativa do Amazonas, o presidente da Casa, Josué Neto, abre a solenidade num auditório lotado lendo um discurso previamente elaborado pela assessoria.

Eu era o diretor de Comunicação e revezava com colegas a elaboração desses discursos. Naquele dia não era eu o autor do texto. No momento em que atendia a colegas da imprensa, um integrante do cerimonial, numa elegância e calma, que lembro até hoje, me chamou e disse: “diretor..., por favor”. E eu, “sim, diga”. E ele numa calma absurda: “diretor, o presidente está falando de uma medalha que não é a que será entregue hoje. É de outra que ele está falando”. E eu, incrédulo: “Como assim?”. O autor do discurso estava ao lado, e garantiu que o discurso estava correto. Mas não estava. O presidente foi alertado, e improvisou. Horas depois ele me ligou: “não foi você que escreveu o discurso, né?”, perguntou. E respondeu: “eu imaginei”.

Lições desse momento: a partir daquele dia, todos os textos elaborados para a presidência passavam por mim e pelo crivo dos colegas Karla Lobo e Harley Bayma, ambos de muita competência e que eram da linha de frente do gabinete da presidência. A ambos, meus agradecimentos

NEUTON PREFERIU A TIRADENTES

Quando comecei a trabalhar no projeto Band News, o jornalista Neuton Correia estava na Rede Calderaro. Ele fazia a coluna Sim e Não e era comentarista na TV A Crítica e na rádio do mesmo grupo.

Ele saiu do grupo e eu conversei com o Josué Neto, herdeiro majoritário da Rádio Difusora, uma das mais tradicionais do Amazonas.

A Difusora iria ter uma nova FM e era pra essa nova frequência que eu estava trabalhando no projeto Band News.

Disse a Josué que Neuton seria uma ótima alternativa para o projeto. Ele concordou e conversamos com o Neuton, que topou a parada.

Mas o projeto da Band News demorou muito a acontecer. E nesse período, o jornalista Marcos Santos saiu da Rádio Tiradentes e o Ronaldo Tiradentes precisava de um parceiro na apresentação do seu programa, pela manhã.

Neuton conversou comigo. Disse que havia sido chamado pelo Ronaldo e que estava interessado.

Assim aconteceu e Neuton seguiu para a Tiradentes onde está até hoje. Era preciso encontrar outra pessoa.

Encontrei na jornalista Rosiene Carvalho, a alternativa. Ela havia trabalhado com o Neuton, em A Crítica, e me chamou a atenção pela maneira que conduzia entrevistas, sem medo de perguntar e sem desistir de indagar.

Josué aceitou a indicação e Rosiene evoluiu, se transformando num dos destaques da emissora.

**JOSÉ CLÁUDIO MARTINS BARBOZA (CLAUDIO BARBOZA):**

Graduado em Comunicação Social pela Ufam (Universidade Federal do Amazonas); mestre em Sociologia pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais); casado, pai de quatro filhos, nascido em Manaus, em 25 de abril de 1957; morou em Belo Horizonte, Brasília e Manaus, onde reside atualmente; ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas; primeiro presidente estadual do Partido Verde, no Amazonas, onde ficou de 1989 a 1991, sendo também integrante da Executiva Nacional do PV; ganhador do Prêmio Esso de Jornalismo (duas vezes) (1983) (1987); Ganhador do Prêmio Suframa de Jornalismo (3 vezes) (1984/1985/1986); Prêmio de Jornalismo Banco do Estado do Amazonas (1982); Prêmio UniltonLins de Jornalismo (2006); autor dos livros: 'Olhos da noite', de contos; 'Amazônia até quando uma esperança?', com reportagens; um dos autores do livro 'Antologia dos contistas do Amazonas'; CEO da empresa PJ Comunicação e Marketing, responsável pelo Portal Único; editor de vários jornais em Manaus: A Crítica, Jornal do Comercio, Jornal do Norte, A Notícia e Estado do Amazonas; repórter/correspondente do Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro; trabalhou no jornal Estado de Minas, Jornal de Casa, em Belo Horizonte e TV Globo (Minas); diretor da sucursal do Jornal do Comercio, em Brasília; repórter especial do Governo Amazonino Mendes (1998); diretor de Comunicação do Governo do Amazonas (1999-2001); secretário de Comunicação do Governo do Amazonas (2002); subchefe do gabinete do Prefeito de Manaus (1989-1991); secretário de Comunicação da Prefeitura de Manaus (2009); diretor de Comunicação da Assembleia Legislativa do Amazonas (2013 a 2018); Consultor da Ufam; gerente de relações externas da CCE da Amazônia; coordenador de campanhas eleitorais; autor do projeto que originou a criação do jornal Amazonas em Tempo; autor do projeto da Rádio Difusora/Band, que trouxe a franquia para Manaus; coordenador de Comunicação do Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas (2024).

AMAZO

AMAZONINO

UM SEDUTOR
E OUTRAS
HISTÓRIAS



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ONINO

Atena
Editora
Ano 2024

AMAZO

AMAZONINO

UM SEDUTOR
E OUTRAS
HISTÓRIAS



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2024

ONINO